

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

FÁBIO FERREIRA DE BRITES

**O VOCABULÁRIO FUTEBOLÍSTICO:
GLOSSÁRIO DE NEOLOGISMOS DO FUTEBOL NO BRASIL**

Campo Grande – MS
2011

FÁBIO FERREIRA DE BRITES

**O VOCABULÁRIO FUTEBOLÍSTICO:
GLOSSÁRIO DE NEOLOGISMOS DO FUTEBOL NO BRASIL**

Dissertação apresentada para obtenção do Título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Profa. Dra. Raimunda Madalena Araújo Maeda.

Área de concentração: Linguística e Semiótica.

Campo Grande – MS
2011

FÁBIO FERREIRA DE BRITES

**O VOCABULÁRIO FUTEBOLÍSTICO:
GLOSSÁRIO DE NEOLOGISMOS DO FUTEBOL NO BRASIL**

APROVADA POR:

Profa. Dra. Raimunda Madalena Araújo Maeda – UFMS – Orientadora

Prof. Dr. Auri Claudionei Matos Frübel – UFMS

Profa. Dra. Nara Kiroko Takaki – UFMS/CPAQ

Campo Grande, MS, 10 de agosto de 2011.

AGRADECIMENTOS

A Neuza Brites, carinhosamente chamada de Zinha, minha esposa e amiga, aos meus filhos, noras, genro, neta e neto que, nos momentos mais difíceis de minha vida, estenderam as mãos para me apoiar, lembrem-se: vocês são especiais para mim.

À minha amiga e irmã Eva Mercedes, pelo amor fraternal, pelo incentivo, pela confiança e palavras de apoio. Receba minha admiração.

À Professora Doutora Raimunda Madalena Maeda que me recebeu como orientando, pelo apoio e conselhos inestimáveis, sem os quais não teria concluído esta pesquisa. Minha gratidão e admiração.

Ao Professor Doutor Auri Frübel, pelos sábios conselhos.

Ao Professor Feijó, que, gentilmente, abriu as portas de seu apartamento para me receber.

*Filho meu, se aceitares as minhas palavras e
esconderes contigo os meus mandamentos,
para fazeres o teu ouvido atento à sabedoria; e
inclinares o teu coração ao entendimento;
se clamares por conhecimento e, por
inteligência, alçares a tua voz,
se como a prata a buscares e como a tesouros
escondidos a procurares:
Então, entenderás o temor do SENHOR, e
acharás o conhecimento de Deus.
Porque o SENHOR dá a sabedoria; da sua boca
é que vem o conhecimento e o entendimento
(Provérbios 2.1-6).*

Dedico este trabalho ao Deus Altíssimo.

A Ele toda Honra e Toda Glória!!

Neologismo

Beijo pouco, fale menos ainda.

Mas invento palavras

Que traduzem a ternura mais funda

E mais cotidiana.

Inventei, por exemplo,

o verbo teadorar.

Intransitivo:

Teodoro, Teodora

Manuel Bandeira

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Localização dos jogadores no campo de futebol.....	19
----------	--	----

LISTA DE QUADRO

Quadro 1	Verbetes utilizados pelos jogadores.....	21
----------	--	----

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS	11
CAPÍTULO 1	
FUTEBOL E LINGUAGEM – ASPECTOS TEÓRICOS	15
1.1 A LINGUAGEM DO FUTEBOL	15
1.2 A ORIGEM DO NOME DE ALGUNS TERMOS	17
1.3 O ESTUDO DO LÉXICO	22
1.4 LEXICOGRAFIA	25
1.4.1 Unidade lexical, palavra, vocábulo e termo	29
1.5 INOVAÇÃO LEXICAL	32
1.5.1 Neologismos	33
1.5.1.1 <i>Mudanças gramaticais</i>	34
1.5.1.2 <i>Extensão semântica</i>	34
1.5.1.3 <i>Analogia</i>	35
1.5.1.4 <i>Assimilação</i>	36
1.5.1.5 <i>Arbitrariedade e desmotivação</i>	36
1.5.2 As neologias	36
1.5.2.1 <i>Neologia estilística</i>	37
1.5.2.2 <i>Neologia tecnológica</i>	37
1.5.2.3 <i>Neologia social</i>	38
1.5.2.4 <i>Neologia funcional</i>	38
1.5.3 Abreviações	38
1.5.4 Brasileirismos	39
CAPÍTULO 2	
ASPECTOS METODOLÓGICOS	45
2.1 PROCEDIMENTOS	45
2.2 A COLETA DE DADOS	48
2.3 GLOSSÁRIO DE NEOLOGISMOS	48
2.3.1 Macroestrutura	49
2.3.2 Microestrutura – Termos	50
2.3.3 Referências Gramaticais: Definições e equivalências	50
2.3.4 Delimitação de critérios	51
2.4 DESCRIÇÃO DOS TERMOS LINGUÍSTICOS	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
GLOSSÁRIO	58
REFERÊNCIAS	81

O VOCABULÁRIO FUTEBOLÍSTICO: GLOSSÁRIO DE NEOLOGISMOS DO FUTEBOL NO BRASIL

RESUMO

O objetivo desta pesquisa consistiu no registro de neologismos da linguagem do futebol, tendo como fonte as obras de Feijó (1994, 1998, 2010). Os itens lexicais extraídos das publicações citadas resultaram na elaboração de um Glossário de Neologismos do Futebol (GNFB), que servirá como fonte de referência para a descrição do léxico do futebol no português do Brasil e, assim contribuir com a elucidação e definição de signos lexicais que referem conceitos elaborados e utilizados por pessoas envolvidas nessa área específica do esporte – o futebol, bem como os falantes em geral, que as ouvem e as reproduzem cotidianamente, de forma a que esses signos sejam incorporados na linguagem e na cultura do português do Brasil. Este Glossário caracteriza-se como uma obra monolíngue, que oferece algumas opções de hipóteses etimológicas, como fenômenos da linguagem que, sob vários aspectos, presentificam-se na linguagem especial do futebol, em todas as estruturas da língua, tais como, a morfologia, a sintaxe, a fonética e a semântica. Esta investigação deixou evidente a associação semântica entre as palavras empregadas no futebol e as empregadas na guerra, sobretudo os vocábulos e expressões caracterizadores de conquista, violência e aniquilação, que no futebol são empregados com outra acepção. Os signos e expressões lexicais coletados foram organizados conforme os preceitos teórico-metodológicos da Teoria da Lexicografia, a qual apresenta suporte para que se possa construir um glossário com verbetes organizados de modo a facilitar a consulta pelo usuário.

Palavras-chave: Vocabulário Futebolístico. Lexicografia. Neologismos. Glossário.

**VOCABULARY FOOTBALL:
GLOSSARY OF NEOLOGISMS/BRAZILIAN SOCCER**

ABSTRACT

The objective of this research consisted in recording neologisms of the language of football, and works as a source of Feijó (1994, 1998 and 2010). The lexical items taken from the cited publications resulted in the development of a Glossary of Neologisms Football (GNFB) which serves as a source of reference for the description of the lexicon of football in the Portuguese of Brazil and thus contribute to the clarification and definition of lexical signs that relate concepts developed and used by people involved in this specific area of sport – the football, as well as the speakers in general, who hear and reproduce every day, so that these signs be incorporated into the language and culture of Portuguese in Brazil. This glossary is characterized as a monolingual work, which offers some etymological hypotheses, as phenomena of language that in many ways, make present in the special language of football, in all language structures, such as morphology, syntax, phonetics and semantics. This research has laid bare the semantic association between the words used in football and those used in war, particularly the words and expressions that characterize the conquest, violence and annihilation, which are employed in football with another meaning. The signs and lexical expressions collected were organized according to theoretical and methodological principles of the Theory of Lexicography, which provides support so that we can build a glossary with entries arranged in order to facilitate reference by the user.

Keywords: Football vocabulary. Lexicography. Neologisms. Glossary.

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Primeiramente, esta pesquisa se deu em razão do meu interesse pelo futebol e por questões profissionais, que me levaram a conviver com o movimento esportivo. Ao ouvir os jogadores numa roda de conversa pós-jogo observei que estes utilizavam palavras ou expressões de sentido comum, mas que entre eles eram empregadas com sentido bastante peculiar, semelhante a dos soldados quando se referem a situações ligadas ao campo de batalha. Assim, posteriormente, resolvi pesquisar cientificamente esses diferentes empregos da linguagem no contexto do futebol, uma vez que essas palavras e expressões, na maioria das vezes, são calcadas em palavras previamente existentes, mas que, no contexto do futebol assumem um novo significado, ou seja, essas palavras são resultantes da criatividade linguística dos seus falantes.

Apesar de a sociedade, em especial o meio acadêmico, ainda não reconhecer que o futebol é uma fonte de análises múltiplas de validade para outros campos da vida, alguns intelectuais de renome, como, Maranhão (1998), Pimenta (1995), Ramos (1984) e outros, já conseguiram vislumbrar a importância desse esporte na definição da identidade lexicais do indivíduo.

As unidades lexicais de uma língua constituem um inventário ilimitado, em permanente renovação: certas palavras caem em desuso, surgem outras, de acordo com as necessidades. Para isso, as línguas são dotadas de mecanismos que possibilitam aos falantes a criação de novas unidades lexicais, chamadas de neologismos. O surgimento de uma nova unidade lexical geralmente está associado a necessidades sociais, entre elas a de nomeação de conceitos novos tão comuns no setor artístico, científico e tecnológico.

De acordo com Oliveira e Isquerdo (1998, p. 7),

O léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural. Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez esse nível de língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade,[...] Desse modo, o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento.

Desse modo, à medida que o léxico recorta realidades de mundo, define, também, fatos de cultura. Isso se dá através da interação entre o indivíduo, o meio em que vive e a sociedade em que atua. Assim, o léxico, em diferentes situações de uso pelos diferentes grupos de indivíduos se transforma em signos mediante associação de significantes que remetem a um novo significado. Vendo-se a língua como uma manifestação da vida em sociedade, seu estudo permite novos campos de pesquisa.

Vale ressaltar que, se por um lado, a língua está sujeita à mudança diante da mobilidade humana, por outro, a força do poder da palavra também se fez presente na legitimação e na normatização de um sistema linguístico utilizado pelos que formam e fazem parte da sociedade. Isso pode ser observado num breve resgate histórico em que a conquista da cidadania, na sociedade greco-romana antiga, exigia dos indivíduos alguns requisitos: o de ser do sexo masculino e livre, excluindo as mulheres e os escravos, o que já eliminava mais de metade da população. Desse modo, a famosa democracia grega, reservada a poucos, também refletia na forma da língua, legitimando apenas aos que faziam parte do grupo de homens livres.

Situação semelhante ocorreu no Renascimento, período de produção das gramáticas normativas das línguas nacionais europeias, que legitimavam a linguagem utilizada pela aristocracia formada por uma pequena elite de homens brancos e cristãos.

Nesse embate de forças contrárias, tendo, de um lado, o movimento da língua diante da contínua transformação humana e, do outro, a força do poder na legitimação e normatização da forma linguística, as diferentes concepções de linguagem foram se constituindo. Nessa perspectiva, este estudo analisa categorias que apontam para uma compreensão no que diz respeito aos neologismos surgidos na fala dos jogadores de futebol.

O interesse pelos estudos sobre Neologismo tem por objetivo principal apresentar embasamentos necessários para melhor definir proposições caracterizando as linguagens de especialidades no tratamento da linguagem, constatada em grupo dos profissionais do esporte, especificamente, dos jogadores de futebol, seguindo e aplicando a Teoria da Lexicografia na Produção do Glossário de Neologismos do Futebol (GNFB).

Com base fundamentada nas teorias linguísticas de criação e ampliação do léxico, convém ressaltar que, nesta pesquisa, foram adotados todos os critérios metodológicos da Lexicografia, tendo-se como produto gerado o levantamento de palavras e expressões que se constituem como neologismos linguísticos do futebol, o que permitiu a elaboração de pequeno glossário, com 125 entradas, para delimitar o *corpus* da pesquisa.

Convém frisar que a construção de um Glossário de Neologismos do Futebol que possa atender uma proposta de estudo de neologismos dessa área, é de grande importância por oferecer um leque de possibilidades para a compreensão do vocabulário futebolístico e com a descrição da língua portuguesa, no que se refere a sua ampliação lexical. Tratando-se de um Glossário específico de um grupo social, ele será restrito aos termos da área esportiva, mais precisamente, o Futebol, isto é, não se lidará com termos monolexêmicos como os dicionários comuns de línguas o fazem.

Assim, tem-se como objetivo geral desta pesquisa, contribuir para o desenvolvimento da prática e dos estudos lexicográficos brasileiros, ou seja, fomentar situações didáticas nas quais o aluno possa aprender novas palavras, pois “o domínio de amplo vocabulário cumpre papel essencial entre as habilidades do leitor proficiente.” (BRASIL, 1998, p. 84). Vale dizer que podemos entender por “novas palavras” não somente aquelas que já são utilizadas, mas que os alunos desconhecem – e que, portanto, podem ocasionar dificuldades na compreensão dos textos – mas também aquelas que são consideradas “novas” [os neologismos].

Desse objetivo geral, foram estabelecidos os objetivos específicos da investigação, que são:

- i) Elaborar um Glossário, que contemple o futebol, oferecendo, assim, mais uma fonte de referência em língua portuguesa.

- ii) Contribuir, por meio do suporte teórico e metodológico oferecido pela Teoria da Lexicografia, para melhorar o entendimento da grande massa de torcedores relacionados à área esportiva.
- iii) Estabelecer relações entre palavras esportivas e seus significados nominais.
- iv) Contribuir para o desenvolvimento da Lexicologia e da Lexicografia, sobretudo à do esporte.
- v) Incentivar o desenvolvimento de materiais lexicográficos, isto é, bases de dados, dicionários, glossários, vocabulários.

Na elaboração da dissertação, o tema escolhido situou-se na prática lexicográfica da atualidade esportiva. Assim, situou-se a Lexicografia no âmbito dos estudos linguísticos, com comentários de dicionário da língua portuguesa e as características de dicionários esportivos e sua organização do trabalho lexicográfico.

A pesquisa foi organizada, internamente, em três partes. Primeiramente, as considerações introdutórias, seguidas de dois capítulos. No primeiro capítulo apresenta-se uma breve história do futebol, de forma a situar esse campo linguístico como fonte geradora dos neologismos. Em seguida, ainda nesse capítulo, o referencial teórico da lexicografia, que serviu de embasamento para a pesquisa. No segundo capítulo, os neologismos, retirados das obras de Feijó (1994, 1998, 2010), que constituem o *corpus* da pesquisa, seguidos da ficha lexicográfica, finalizando com o Glossário de Neologismos do Futebol (GNFB), que contém a descrição dos verbetes. Posteriormente, as considerações finais e as referências bibliográficas.

CAPÍTULO 1

FUTEBOL E LINGUAGEM – ASPECTOS TEÓRICOS

1.1 A LINGUAGEM DO FUTEBOL

A linguagem futebolística geralmente é vista de maneira preconceituosa pela sociedade, sendo considerada pobre ou carregada de vícios. O grupo específico dos jogadores é alvo frequente da discriminação, porque quase sempre tem baixa escolaridade. Contudo, todo grupo linguístico traz suas contribuições para a língua, auxiliando na construção e evolução da sociedade. O esporte constitui um amálgama social, por possibilitar relações entre as diferentes camadas sociais. No caso do futebol, pode-se dizer que as contribuições são várias, pois possui características e particularidades expressas por meio de termos e expressões criativas originárias de outros idiomas e da própria Língua Portuguesa, que enriquecem o léxico e que se incorporam à língua rapidamente.

Essa linguagem apresenta um vocabulário bastante variado e rico, contando com termos e expressões usados no dia-a-dia das pessoas, que vão, cada vez mais, se incorporando ao léxico da Língua Portuguesa, conforme se pode ver no texto de Hidalgo (2006 p. 9-13):

O futebol na ponta da língua

A paixão pelo futebol no Brasil vem esgarçando os limites da língua portuguesa há aproximadamente um século. Como qualquer outra língua, o português é vivo, dinâmico, aberto ao que o povo inventa na rotina de seus afazeres e lazeres. Com um diferencial: a espontaneidade brasileira, talentosa em driblar convenções, acaba desencadeando um vocabulário futebolístico rico e bem-humorado, utilizado até mesmo pelos “esquisitões” que odeiam o esporte – a vingança dos fanáticos contra as exceções! Assim, é possível ouvir a cada esquina frases do tipo: fulano “pisou na bola”,

ou sicrano “joga nas onze”. A rua torna-se o melhor dicionário desse léxico matreiro, inventado por jogadores, locutores e comentaristas esportivos, pouco a pouco, absorvido pela língua geral. Ao ser dicionarizada, a gíria do futebol ganha status de verbete, e comemora-se: a lexicografia dobra-se à força do jargão e sela sua vitória no cotidiano linguístico brasileiro.

O próprio verbo “driblar”, usado no início deste texto, é um exemplo: no Aurélio, é descrito como ato de “ultrapassar o adversário, ludibriando-o por meio de movimentos corporais”. Embora signifique o movimento específico do jogador com a bola, o seu uso na linguagem corrente extrapola as margens do campo, sugerindo uma forma de subverter determinada situação – o que, aliás, cabe bem na tradição de uma certa “malandragem” brasileira e diz muito da intimidade do cidadão com a sua língua.

Como atesta Ivan Cavalcanti Proença, em *Futebol e Palavra*, “o jogador brasileiro é o que fala e fala o que é” – e isso acontece “através de um clima (e de uma força mesmo) intensamente poético: é a poesia do futebol, arte”.

Essa poesia urdida na tradição oral e enriquecida literariamente por autores como Nelson Rodrigues possui uma só raiz: a paixão – seja do jogador, do torcedor ou do comentarista esportivo.

– Sempre que deixamos a emoção tomar conta da linguagem, surgem vocábulos e expressões extremamente criativos e ricos para a nossa língua. O brasileiro, particularmente, é um povo que expressa sua emoção de uma maneira muito espontânea, fato que se reflete também na linguagem, mais especificamente, no léxico – explica Simone Nijaim Ribeiro, professora de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá (RJ).

Autora da dissertação de mestrado, *A linguagem do Futebol: Estilo e Produtividade Lexical* (UERJ), Simone concorda com outros estudiosos do tema para quem o vocabulário do futebol é uma “linguagem especial”. Assim, alguns vocábulos que poderiam, de início, soar como “desvios linguísticos” deixam a margem para serem canonizados. É a razão sucumbindo à paixão.

Não à toa, algumas expressões do futebol são transpostas para o dia a dia, remetendo-se por vezes ao campo sexual – em alguns casos, até mesmo com excessiva malícia. Ouve-se dizer, por exemplo, que uma mulher “esconde o jogo”, ou que, no flerte ou no relacionamento, é “reserva”, não a “titular” (a principal).

Homens fazem “marcação cerrada” quando desejam alguém e dizem “pimba na gorduchinha” (expressão de Osmar Santos que, a princípio, significa “chute na bola”) com um tonzinho que por vezes beira o vulgar. Tudo isso diz respeito ao brasileiro e suas predileções, à sua psicologia. A língua é espelho.

Tanta criatividade origina mil e uma formas de se dizer a mesmíssima coisa. A bola, o grande objeto de culto, inspira incontáveis sinônimos: pelota, criança, perseguida, vagabunda, maricota, [...], redonda, gorduchinha. [...] Mas quem, afinal, formula todo esse jargão?

– As expressões são uma criação dos jogadores e da imprensa. Romário criou, por exemplo, a expressão “peixe” para chamar algum companheiro, mas foram os jornalistas esportivos que, influenciados pela Liga Profissional de Basquete dos Estados Unidos (NBA), inventaram o termo “assistência”, para o jogador que dá o passe para outro marcar o gol – diz Antônio Nascimento, editor de Esporte do jornal *O Globo*. Foi dessa forma que grandes nomes da locução e da crônica esportiva deixaram seu legado à língua portuguesa. [...] Inúmeras gírias não chegam ao dicionário, ou entram numa edição e saem na seguinte, por caírem em desuso. [...] Mas Silvio Lancellotti, comentarista da ESPN Brasil, compreende o caráter volátil desse “dialeto” dos campos:

– A dicionarização nem sempre acompanha a velocidade da linguagem especial. Nem vai conseguir [...] Segundo Max Gehringer, existe uma diferença entre a “pátria de chuteiras” e outros países ligados ao esporte.

– No Brasil, as expressões aparecem e somem mais rapidamente. Nós somos um povo que, historicamente, adota e descarta palavras, de qualquer idioma, sem muito pudor linguístico.

Essa postura à vontade diante da própria língua é provavelmente uma das razões da expressividade dessa linguagem. Os jogadores também criam bordões, mas os cronistas esportivos obtêm maior êxito nessa tarefa pela velocidade com que conseguem difundi-los na mídia. Além disso, existe a pressão para que sejam originais e imprimam uma espécie de copyright na linguagem oral – o que funciona como marketing próprio e fortalece a imagem da emissora. [...] Para Max, o mais engraçado, atualmente, é ouvir jogadores de futebol usando termos que quase ninguém mais usa. [...]

Num país de dimensões extraordinárias, os regionalismos são elementos a mais nesse vocabulário. Max Gehringer cita, por exemplo, a palavra “gol”, que no Rio Grande do Sul é “golo”; e as traves e o travessão são a “goleira”. Em Pernambuco, inventou-se o verbo “cascavilhar” para indicar o jogador que segura demais a bola.

No contexto maior da língua portuguesa, Simone Nijaim pesquisou ainda termos distintos no Brasil e em Portugal: lá “alegado-fora-de-jogo” significa impedimento; rodada é “jornada”; e o gol é “moldura”. Se, “para entender a alma de um brasileiro, é preciso surpreendê-lo no instante de um gol”, como disse Armando Nogueira, para comunicar-se com ele, é necessário apreendê-lo em seu ponto sensível – a língua, esta que é tecida na alegria e na dificuldade do dia a dia, num jogo linguístico-esportivo em que o técnico é, sem dúvida, o povo.

Após essa leitura, vale dizer, citando Sapir (1971, p. 205), que “toda língua tem uma sede”.

O povo que a fala pertence a uma raça (ou a certo número de raças), isto é, a um grupo de homens que se destaca de outros grupos por caracteres físicos. Por outro lado, a língua não existe isolada de uma cultura, isto é, de um conjunto social herdado de práticas e crenças que determinam a trama das nossas vidas.

Isso nos permite afirmar que o futebol faz parte do cotidiano brasileiro, seja na sua cultura, seja na sua fala. Em cada região, cidade, lugarejo ou vila, ao lado das residências ou próximo, há um campinho onde a molecada, formando seu “esquadrão”, se reúne para mais uma “batalha”.

1.2 A ORIGEM DO NOME DE ALGUNS TERMOS

No futebol, o termo “esquadrão” era sinônimo de time. Esquadrão, no entanto, é uma subunidade de um regimento de cavalaria. Ambos comandados por

um “capitão”. Também se usou, como sinônimo de time (de *team* na língua inglesa), a palavra “esquadra”, que combina perfeitamente o vocábulo “capitão” e, talvez, até seja a interpretação mais adequada, já que a Inglaterra era uma potência marítima. No entanto, muito longe do flagelo que é a guerra, o futebol é, tão somente, um jogo de estratégia que simula o conflito. Daí a justificativa para as expressões “embate” e “refrega”, tão comumente utilizadas como sinônimo de jogo.

É conveniente frisar que, no futebol, o objetivo é colocar a bola no gol adversário. Assim, como o objetivo militar era conquistar a “cidadela” do inimigo. E quantas vezes ouvimos velhos narradores referirem-se às goleiras (balizas) como “cidadelas”.

Aquele a quem chamamos, hoje, de goleiro, era, originalmente, o *goalkeeper* (detentor do gol ou defensor do gol). Porém, na Inglaterra medieval, os defensores das cidadelas eram os arqueiros (*archer / arch* = braço) que, assim como os goleiros, utilizavam mãos e braços para lançar suas flechas. Essas, curiosamente, descreviam um arco até encontrar seus alvos, assim como a bola reposta em jogo. Enfim, o arqueiro era o último defensor das cidadelas e lançava suas flechas do alto das muralhas porque era praticamente vulnerável no combate em curta distância.

A linha de defesa, logo a frente dos arqueiros, tinha por finalidade defendê-los e, comumente, estavam armados de lanças curtas ou “azagaias”¹, para mais fácil manuseio no combate em curta distância. É de “azagaia” que deriva o termo zagueiro. Geralmente, esses elementos eram soldados robustos, assim como o são os zagueiros e, originalmente, chamados de “*bachs*” (significando retaguarda ou a defesa da retaguarda). Por isso, chamamos a área de trabalho dos zagueiros de defesa.

Os chamados laterais, na linguagem atual do futebol, são os alas, representam, além da defesa lateral, a possibilidade de ataque pelos flancos, estratégia muito usada na cavalaria para atingir mais duramente o inimigo, já que a principal defesa está sempre postada na frente do objetivo e não nos lados.

O ataque pelos flancos continua sendo uma arma mortal para qualquer time e isso vem desde o tempo em que se usavam ponteiros. Os jogadores que atuam

¹ Azagaia ou, simplesmente, zagaia, é uma lança curta que é usada como arma de arremesso por caçadores.

como “meias” (*winger*) são os “articuladores” e “muniçadores” do “ataque”. Funcionam como linha de “suprimento” para os “atacantes” (*forward*). E, esses, por fim, funcionam como a “infantaria”, causando baixas ao inimigo e, no futebol, assinalando gols no adversário.

Finalmente, a figura do técnico, que surgiu no futebol somente na década de 1930, mais ou menos: ele é o grande estrategista. Como um general, fica observando o “campo de batalha” (*ground*), sempre à margem dele, sem interferir fisicamente sobre as ações levadas a termo pelo esquadrão sob seu comando. Faz do “capitão” do time, seu representante no “embate”. Quanto ao uso de “uniformes”, surgiu para distinguir um time de outro, ou um exército de outro; mesmo as antigas “botinas”, hoje, substituídas pelas chuteiras.



Figura 1: Configuração dos atores num jogo de futebol

Fonte: (Disponível em: http://www.futebolplayer.com/img/atletas_campo.jpg)

Diante disso, Gomes (2009, p. 31) nos lembra que em qualquer comunidade de fala “o sujeito da enunciação faz uma série de opções para projetar seu discurso, tendo em vista os efeitos de sentido que deseja produzir”. Isso nos permite afirmar, então, que o futebol é apenas o simulacro de uma batalha. Essa estreita relação de similaridade é evidente quando se ouve os comentaristas esportivos, diante da derrota de um time em uma competição, utilizar o chavão: “Perdeu a batalha, mas não perdeu a guerra”, no sentido de que, no contexto amplo do campeonato, outros confrontos virão e o “revés” momentâneo poderá ser compensado com “vitórias” futuras.

A bem da verdade, é importante frisar que, de acordo com Garcia (1983), mesmo que as palavras existentes sejam portadoras de acepções diversas em um sistema lexical, o sentido por elas veiculado situa-se em apenas dois planos de significado: a) *denotativo* e b) *conotativo*. Assim, vale lembrar que, para a Semântica Estrutural, *denotação* é o segmento do significado que contém semas genéricos e traços semânticos estáveis, enquanto a *conotação* é constituída por semas virtuais, somente atualizados em contextos específicos.

A título de exemplos, vejamos, no contexto do futebol, as palavras, muitas vezes, têm um sentido metafórico, ou seja, são utilizadas em seu plano conotativo de significado. É dessa forma que Garcia (1983, p. 161) esclarece a abrangência entre um e outro conceito:

A mesma conceituação pode ser expressa em termos um pouquinho mais claros: *denotação* é o elemento estável da significação de uma palavra, elemento *não subjetivo* (grave-se esta característica) e analisável fora do discurso (= contexto), ao passo que a *conotação* é constituída por elementos subjetivos que variam segundo o contexto.

É importante esclarecer, citando Laface (2006, p. 61), que, quando se trata de sentidos, a palavra responde pela dimensão cultural e histórica, disponível para produzir e ampliar o conhecimento, pois,

[...] o conhecimento, manifesta-se nos diferentes atos de linguagem. Versátil nas formas de se manifestar torna-se funcional no espaço que lhe é reservado para mobilizar e reconduzir o saber.

Nesse caso, a concomitância de divulgação das informações – ocorrência no universo do saber – não deve ser vista numa só direção, pois isto [...] afrontaria a potencialidade internalizadora dos seus usuários, afetaria a variabilidade dialetal e deixaria de se considerar as particularidades culturais. Uma das questões remete-se ao próprio limite na língua; o que seria e em que se consistiria esse limite, tendo em vista a cadeia aberta, o léxico.

Tais considerações nos permitem entender, então, que toda língua tem seu próprio repertório lexical e os limites de uso desse repertório encontram-se no indivíduo que busca mobilizar as manifestações da cadeia falada com um propósito comunicativo, ou seja, na interlocução. Considerando-se esse limite, abre-se espaço para a mobilização do universo polissêmico da linguagem. Portanto, é no indivíduo,

usuário da língua, que se encontra a função de estabelecer parâmetros de criação de novas dimensões de sentidos de um mesmo significante, conforme as circunstâncias de uso, no contexto social, cultural e histórico.

A seguir, a título de exemplo, apresenta-se uma sequência de vocábulos neológico-metafóricos ao domínio militar que migraram e se incorporaram, por extensão de sentido, à linguagem do futebol. Para melhor visualização, esses verbetes estão apresentados com o item léxico destacado em maiúsculas. No plano imediatamente inferior (linha abaixo), o significado denotativo (SD) e conotativo (SC):

Quadro 1: Verbetes utilizados pelos jogadores²

Verbetes	Significado Denotativo	Significado Conotativo
ARIETE <i>s.m.</i> do latim [<i>ariete</i>].	Antiga máquina de guerra, usada no séc. XV, que servia para arrombar muralhas ou portões de edificações fortificadas.	Atacante impetuoso que rompe a defesa adversária.
ARTILHEIRO <i>s.m.</i> do <i>fr.</i> [<i>artilleur</i>]	Militar pertencente à artilharia.	Jogador que faz muitos gols no transcurso de uma partida ou durante um campeonato. Sinônimo: <i>matador</i> .
BASTIÃO <i>s.m.</i> 1- Do italiano [<i>bastione</i>]. 2- Vocábulo em desuso.	Parte de uma fortaleza medieval que avança em forma de ângulo saliente, de onde os soldados atiram flechas contra o inimigo.	Último jogador do sistema defensivo de uma equipe.
BATALHA <i>s.f.</i> Do italiano [<i>Battaglia</i>]	Combate entre exércitos inimigos.	Partida de futebol. Sinônimos: <i>duelo, confronto, guerra</i> .

Fonte: LAROUSSE CULTURAL – GRANDE dicionário Larousse cultural a língua Portuguesa. São Paulo: Nova Cultural, 1999

Tais exemplos evidenciam, então, a importância desta pesquisa para os estudos linguísticos, especialmente para os estudos neológicos, visto que, a cada instante, surgem novas palavras que nos levam a rever conceitos com objetivos de acompanhar as constantes alterações linguísticas no meio esportivo, nesse caso, o futebol.

² Legenda das abreviaturas (Gramaticais): *s.f.* Substantivo feminino; *s.m.* Substantivo masculino; *sin. nom.* Sintagma nominal; *sin. nom. m.* Sintagma nominal masculino; *sin. v.* Sintagma verbal; *v.i.* Verbo intransitivo; *v.t.* Verbo transitivo direto.

1.3 O ESTUDO DO LÉXICO

Saussure conceitua a língua como um “sistema de signos”, um conjunto de unidades organizadas em um sistema. Para o mestre Genebrino (2006, *apud* OLIVEIRA, 2009, p. 37), a língua é concebida em dois ângulos, o individual, que representa:

[...] a fala ou “parole”, e o social, que era constituído pela língua ou “*langue*”, e a ela dedicou seus estudos. Sua primeira dicotomia, “*langue-parole*”, enfatiza a “*langue*” como um sistema exterior ao indivíduo, logo incapaz de ser influenciada por ele e, assim, homogênea. Paralela a essa, Saussure ainda faz outra dicotomia, mas agora em relação ao tempo: sincronia-diacronia, sendo a primeira um estudo de um estado da língua em um momento determinado, ao passo que a segunda é um estudo evolutivo de diferentes estados da língua.

A autora complementa afirmando que a língua era estudada até o ponto em que fosse homogênea, “constituindo um elemento cultural padronizado na mente dos falantes, a fala não era relevante e o padrão de indivíduos exigido era um falante-ouvinte ideal” (2009, p. 39).

Todavia, diante da imensa diversidade geográfica, social e cultural que caracteriza cada país, percebe-se que ela se reflete nos comportamentos, hábitos e costumes de seu povo e, conseqüentemente, na linguagem. Nomeada como variação, essa diversidade linguística, por sua vez, por ser variável a uma norma legitimada, por uma classe em ascensão, depara-se com uma excessiva carga de preconceitos e estereótipos. Ressalta-se que a classe esportiva se caracteriza por utilizar variações específicas, com termos oriundos da linguagem militar, como: capitão, ataque, atacante, defesa, estratégia etc. Além disso, a comunidade que a compõe abriga indivíduos que, geralmente, possuem baixa escolaridade e são oriundos de uma classe social com poucas oportunidades.

Nessa perspectiva, a linguagem ocupa um lugar central na vida das pessoas em razão de sua capacidade dialógica, constituindo-se, essa capacidade, como uma necessidade humana construída pela relação/confronto com o outro. Dessa

relação/confronto podem-se construir consensos e/ou situações harmoniosas, de tal modo, que a palavra passa a ser entendida como um caminho que conduz um homem ao outro pela necessidade de interação comunicativa.

Dessa última ligação entre o homem e a linguagem, na qual o primeiro é construído pela segunda e, ao mesmo tempo, ele a constitui, simultaneamente, em seu contexto, estabelecendo-se as correlações intrínsecas de co-fatores: o homem produto e produtor da língua, em uma interação indissociável. Assim, a linguagem se realiza no sujeito e, ao passar de um sujeito a outro, de uma geração a outra, ela adquire um caráter dinâmico e histórico, passando a constituir outros sujeitos a partir dessa história.

Constituído a partir da linguagem, inscrito em uma história, o homem adquire gestos de interpretação que são orientados pela história do seu contexto, do seu mundo, do seu ambiente. Ao fazer uso da linguagem, o homem produz efeitos de sentido. As palavras não têm sentido em si, seus efeitos de sentido são produzidos pelo homem, ao defrontar-se com as palavras, objetos simbólicos.

O intuito de promover um encontro entre esporte e linguagem, tendo como núcleo de discussão a dinamicidade da relação homem/mundo, será perseguido pelo aprofundamento da problemática apresentada neste estudo: a ampliação lexical. A percepção dessa temática ocorre por meio do entendimento da dinamicidade da linguagem que, conseqüentemente, está atrelada à dinamicidade do homem.

Com o auxílio da linguagem futebolística, o cotidiano das pessoas também passa a incorporar diversas palavras e expressões que são faladas por jogadores, comentaristas esportivos e locutores. Até mesmo aqueles que não são tão admiradores do futebol acabam por absorver essas unidades.

Esses termos e expressões, geralmente, recebem significação diferente no cotidiano e sua semântica pode estar relacionada a vários assuntos e contextos. Exemplos disso podem ser quando se fala que alguém: “pisou na bola”, “está fazendo firula”, “deixou alguém de escanteio”, “está driblando o desemprego”, “joga nas onze”.

Segundo Rodrigues (2003), essas transformações semânticas ocorrem devido à grande utilização feita pelo público que batiza os termos empregados no

esporte, garantindo sua aceitabilidade. Essas transformações possuem uma relação de dependência com a cultura de cada região ou país, pois uma determinada expressão pode não ser significativa aos membros de uma comunidade linguística, mas, sim, para outra.

Por esse motivo, surgem diversos neologismos na língua e aportuguesam-se muitos estrangeirismos, que por sua vez, terão maior significação e aceitabilidade aos falantes da língua que os utiliza.

Segundo Isquierdo (2003, p. 165),

[...] léxico é o nível da língua que melhor documenta o modo como um povo vê e representa a realidade em que vive, pois o vocabulário de um grupo social atesta seus valores, suas crenças e também a forma como nomeia os referentes do mundo físico e do universo cultural em diferentes épocas da sua história. O repertório lexical de uma comunidade linguística renova-se, transforma-se à medida que atuarem sobre ele fatores históricos, geográficos, culturais.

As características da sociedade atual explicam o grande desenvolvimento da Lexicologia e da Lexicografia no século XX, como disciplinas científicas que estudam a dinâmica da renovação lexical, no caso da primeira; ficando a cargo da segunda o estudo as técnicas de elaboração dos dicionários, para o estudo da descrição da língua. Este trabalho se situa no âmbito da segunda, uma vez que um dos seus objetivos é a elaboração de um glossário.

De acordo com Biderman (1998, p. 129), “Os dicionários constituem uma organização sistemática do léxico, uma espécie de tentativa de descrição do léxico de uma língua”. No entanto, conforme aponta Strehler (1998, p. 169), “esta descrição nunca pode ser completa porque o vocabulário é uma classe aberta, isto é, uma vez impresso o dicionário, já podem existir novos neologismos”. Além disso, conforme esse autor, “a cada tipo de dicionário se fixam objetivos em relação às entradas selecionadas e ao público a que é destinado”.

O fato de existirem dicionários temáticos monolíngues já é afirmado em caráter oficial, desde 2600 a.C., produzidos pelos sumérios em forma de tijolos de argila; neles encontravam-se termos relacionados a profissões, animais domésticos, objetos comuns e de suas divindades. Entende-se, então, que o léxico de uma

língua inclui unidades muito diferentes, desde monossílabos e vocábulos simples até sequências complexas formadas de vários vocábulos e até mesmo frases inteiras, como é o caso de unidades fraseológicas.

Pode-se concluir que é a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser identificadas e nomeadas pelos seres humanos. Assim, o léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Vale esclarecer que ele pode definir um grupo social, uma vez que é por meio dos vocábulos empregados pelos indivíduos em suas relações que se percebe o contexto social, histórico e cultural em que o sujeito está inserido.

1.4 LEXICOGRAFIA

Somente nas três últimas décadas do século XX, a lexicografia desperta especial interesse da linguística. Destacados linguistas se incorporam ao que fazer lexicográfico e começam a investigar as características da lexicografia para constituí-la em uma linguística aplicada.

A lexicografia, em interrelação com as ciências da linguagem, deixa de ser mera arte e se transforma em técnica científica, em uma tecnologia. Produz dicionários eminentemente descritivos, que não emitem juízos de valor, mas de existência a respeito do léxico de uma língua, e procuram descobri-la do modo mais realista possível, sem restrições puristas.

As definições usadas nessa etapa são sêmicas, ou seja, sustentam-se, preferencialmente, em semas. A esse modelo responde, por exemplo, o Novo Dicionário de Americanismos, dirigido por Günther Haensch e Reinhold Werner, da Escola de Augsburg, obra monumental e cujo primeiro volume foi publicado em 1988.

A Lexicografia se ocupa da representação do vocabulário de uma língua natural ou de uma parte dela (um dialeto, um socioleto etc). Trata-se, portanto, de um ramo da lexicologia (ciência que estuda o vocabulário de uma língua, sua estrutura, composição e variação), que privilegia os aspectos, a composição de dicionários, sem que isso signifique que não compete à lexicografia, como, a teoria

da descrição de dicionários e a codificação da estrutura paradigmática e sintagmática do léxico de uma língua, a transmissão ordenada de informação léxica (e gramatical), em forma de dicionário (BARBOSA, 1989).

Um dicionário é basicamente um produto linguístico que recolhe um conjunto selecionado de unidades léxicas da língua, que descreve e ilustra uma série de informações. O conjunto das entradas de um dicionário se chama macroestrutura, e o conjunto de informações sobre elas é a microestrutura.

Mesmo que a lexicografia tenha estado limitada em sua tarefa de identificar os possíveis usos de uma palavra, hoje, baseada nas técnicas da linguística de *corpus*, ela permite analisar as associações linguísticas e não linguísticas de palavras individuais, incluir informação confiável acerca dos usos mais comuns, sobre frequências de palavras relacionadas, e em contextos nos quais as palavras e suas acepções se encontram com maior assiduidade.

O grande valor da lexicografia, então, encontra-se em sua capacidade de criar um objeto fundamental para toda sociedade: uma obra que recolhe o léxico de uma comunidade, em dado momento de sua evolução, e o conserva vivo para as gerações futuras. Definitivamente, o dicionário é muito mais que um mero inventário de palavras. Em cada uma de suas páginas, esconde-se a memória coletiva de uma sociedade.

Günther Haensch propôs uma classificação que distingue, por um lado, os dicionários integrais, que têm como objeto a totalidade da língua, mas que podem documentar-se em qualquer de seus dialetos, dado que, justamente basta reunir todo o léxico de uma comunidade para que estejam presentes tanto os elementos que integram a língua geral, mas que, também, inclui suas localidades como parte dessa integralidade. Por outro lado, estão os dicionários diferenciais, nos quais o objeto é o léxico de dada região (CABRÉ, 2006).

Além dessa discussão de ordem político-ideológica, as tipologias de dicionários estão, muitas vezes, baseadas em características linguísticas e funcionais. O modelo de referência para os dicionários gerais de língua estabelece critérios consensuais para a composição deles: as fontes de informação (diversas, escritas, no geral), a seleção de materiais, os critérios de seleção de entradas (formas mais usuais), a forma das entradas (por lexema), ordem de entradas

(alfabética), as informações que as acompanham (categoria gramatical, definições, acepções, ilustração com exemplos), o tipo de destinatário, funções do dicionário (aumentar a competência do usuário, resolver lacunas). Por outro lado, existem os chamados dicionários específicos que se separam dos gerais por qualquer dos critérios mencionados: pelas fontes (dicionário de autor); pela seleção de entradas (dicionário de locuções ou de sufixos); pela ordenação das entradas e sua disposição (dicionário ideológico); pelas funções sociais que aspira exercer (dicionário escolar, normativo, para estrangeiros), entre outros, conforme informa Barbosa (1996).

A confecção de um dicionário (ou mesmo um glossário) completo constitui uma tarefa monumental, que requer não apenas de um trabalho e dedicação, mas também de uma constante interrelação da lexicografia com as ciências da linguagem, não apenas com a semântica, mas ainda com a gramática, a dialetologia e a sociolinguística, entre muitas outras.

O lexicógrafo deve ser um especialista em linguística, mas isso apenas não basta, considerando que o leitor de um dicionário parte da base de que a informação contida nesse é verdadeira. Isso supõe no lexicógrafo uma dimensão ética: nesse sentido, quem se dedica à confecção de dicionários é mais que a soma de um técnico e um linguista.

Vale esclarecer que os dicionários, assim como as enciclopédias, são obras de referência que se consulta para solucionar dúvidas e obter informações acerca das palavras e dos conceitos a elas associados. A diferença entre eles é fácil de estabelecer (em teoria), o dicionário define palavras e a enciclopédia define as coisas a que essas palavras se referem, mesmo que no momento de colocá-la em prática se produzem interferências mútuas, posto que existem obras de referência que participam das características de ambas são os chamados dicionários enciclopédicos (BRAGA, 2006).

A função básica do dicionário é a explicação do significado das palavras de forma sistemática (quando esse adjetivo se refere ao fato de que o significado de um vocábulo surge por oposição ao de outros com os quais forma uma mesma classe léxica, algo que nem sempre se leva em consideração).

Segundo Barbosa (1996, p. 21) é necessário, ainda, distinguir vocabulário de glossário:

[...] o vocabulário procura ser representativo de um universo de discurso - que compreende, por sua vez, nos discursos manifestados - pelo menos; configura uma norma lexical discursiva, o glossário pretende ser representativo de um único texto manifestado [...].

Barbosa (1996, p. 26-32) arrola as concepções de vocabulário e glossário sob o ponto de vista de vários autores (BOULANGER, 1995, BOUTIN-QUESNEL 1985, ISO 1087, LINO *et al* (s/d) e FAULSTICH 1995), demonstrando a diversidade conceitual das definições. Muitos autores consideram glossário como documento terminológico que compila termos pertencentes a uma área de especialidade. Ao analisarmos o quadro dos níveis de atualização da língua, percebemos que uma das concepções coerentes é aquela que considera glossário como a obra que compila a significação de palavras-ocorrência em vários textos manifestados ou em apenas um texto somente, ou seja, somente uma atualização, definindo a significação específica a cada palavra-ocorrência (BARBOSA, 1996, p. 21), que corresponderia a uma entrada. O glossário, que se encontra ao final de uma obra, é, de certa maneira, um vocabulário, já que compila as várias palavras (ocorrências) de um mesmo vocábulo (*idem*, p. 35).

É importante destacar que no latim clássico e na Alta Idade Média se empregava o termo *glossarium* como sinônimo de dicionário, mesmo que vocabulário e dicionário fossem termos equivalentes que se empregavam na Baixa Idade Média. Posteriormente, o significado e o uso desses termos evoluíram. Na atualidade, ainda que as palavras vocabulário, glossário e léxico se empreguem em ocasiões de forma indistinta como equivalentes de dicionário, é possível estabelecer as diferenças semânticas e de aplicação entre elas. Chama-se glossário ao vocabulário de palavras pouco conhecidas ou de pouco uso, ou a de termos de uma mesma disciplina. Como em princípio tais vocábulos fossem acompanhados de uma explicação ou glosa que facilitava sua compreensão, com o tempo passou a significar a explicação mesma da palavra ou termo (ALVES, 1994).

1.4.1 Unidade lexical, palavra, vocábulo e termo

O léxico de uma língua é o conjunto de palavras que a compõem. Originariamente, esse termo foi empregado para referir-se à coleção de formas raras e difíceis, mas, hoje, se aplica também ao repertório de vozes próprias de um autor. Denomina-se vocabulário ao inventário de poucas palavras, acompanhadas de poucas explicações. A seleção e a discriminação desses termos dependerão de se ela for aplicada a uma obra geral, especializada ou referindo-se a um âmbito cultural determinado.

Os dicionários de línguas, normalmente, definem as palavras como um conjunto de sons articulados, de um ou mais sílabas, com uma significação. No sistema abstrato que é a língua, distinguem-se dois módulos componentes: 1) o léxico e 2) a Gramática. Assim, as palavras são elementos da língua e não da fala; são entidades abstratas que compõem o sistema linguístico.

Para Oliveira (1998), a palavra é uma unidade inseparável composta de forma e conteúdo. As unidades lexicais só se tornam termos quando são definidas e empregadas em textos de especialidade. Nessa perspectiva, é a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser identificadas e nomeadas pelos seres humanos. Portanto, pode-se concluir que a designação e a nomeação dessas realidades criam um universo significativo revelado pela linguagem. Portanto, a língua é um produto social que serve de meio de comunicação entre pessoas que vivem em sociedade.

Oliveira (1998, p. 107) considera como princípio o fato de que um vocábulo é aceito como elemento da língua a partir do momento em que ele passa a exprimir todos os valores de um determinado grupo social e, sobretudo, satisfazer suas necessidades de comunicação.

Dessa forma, o vocábulo é entendido como um modelo de realização das palavras que o representam no texto. Os vocabulários podem ser considerados como assistentes de pesquisas, ajudando o usuário a aprimorar, dilatar ou enriquecer suas pesquisas, proporcionando resultados mais objetivos.

Comparando a relação vocábulo e termo, pode-se afirmar que o termo é no âmbito da análise quantitativa de um texto, um vocábulo, uma vez que é modelo de realização lexical no texto. Assim, seu caráter de termo se dá pelo fato de que designa um conceito específico de um domínio especializado. Barros (2004) complementa ao afirmar que, além de ser uma palavra, um termo é também um vocábulo.

Na linguagem comum, vocábulo e palavras são frequentemente usados como sinônimos. No léxico, porém, vocábulo é cada uma das unidades que compõem o vocabulário, isto é, o vocábulo representa as diferentes entradas léxicas registradas no dicionário.

O termo é o elemento principal de uma ciência e/ou técnica, pois ele reflete o recorte dos fatos, segundo a visão de mundo da área. Desse modo, é a configuração do termo que caracteriza uma área e a comunicação entre especialistas. A utilização de termos mais técnicos subjaz à comunicação entre profissionais mais especializados, enquanto unidades terminológicas menos especializadas são inerentes a interações entre aprendizes.

De acordo com Rondeau, *apud* por Cabré (1993, p. 146), as linguagens de especialidade são subconjuntos da linguagem geral, pois conservam o caráter linguístico global que se aplica a todos os planos da língua. Desse modo, as linguagens diferenciam-se da língua comum pelo saber específico constituído a partir de uma visão de mundo particular representado por unidades terminológicas, as quais marcam as situações comunicativas. Assim, os termos, por exercerem uma função primordial e referencial, assinalam a temática, os usuários, e a comunicação de uma linguagem de especialidade.

Os termos são muito mais que apenas unidades linguísticas comuns, através de sua forma, caracterizam um domínio, eles podem ser uma letra, um símbolo, uma sigla, um acrônimo, uma fórmula.

Dessa maneira, é lícito afirmar a reciprocidade entre termo e áreas de especialidade: uma unidade linguística adquire o estatuto de termo apenas ao referir-se e remeter-se ao saber específico de um domínio particular e esse domínio necessita definir os termos que denominaram seus conceitos para poder estabelecer-se como ciência e/ou técnica (BARBOSA, 1996, p. 17).

O termo palavra, em troca, refere-se a todas e a cada uma das unidades elementares que integram um corpus textual, escrito ou oral. O termo vocábulo, portanto, é mais específico e restrito que o da palavra. Os vocábulos resultam da aplicação de critérios homogeneizadores ou lematizadores (agrupamento de todas as repetições de uma palavra em uma única entrada ou vocábulo) às palavras ou respostas computáveis dos informantes em estudos de disponibilidade léxica.

A unidade léxica é considerada como a unidade conceitual base da aprendizagem do vocabulário. Implica na união de uma forma léxica, que contenha ao menos uma palavra, com um significado unitário ou com um valor semântico identificável, equiparada frequentemente com o conceito de lexia.

Segundo Boutin-Quesnel (1985, p. 17), o termo é uma unidade significativa que designa uma noção de maneira unívoca no interior de um domínio. Os termos surgem da necessidade de se nomear um conceito novo, ainda sem designação. Consideramos o termo como signo linguístico, dotado de conteúdo e expressão; dessa maneira, essa unidade se desdobra em denominação (símbolo > expressão > significante, nas concepções de Wüster, Hjelmslev e Saussure) e conceito (noção > conteúdo > significado).

O termo sempre está ligado a uma área de especialidade, não importa o grau de especificidade da área. Podemos tomar por área de especialidade todo domínio que possua um vocabulário próprio cujos termos adquirem significados especiais de acordo com a 'visão de mundo' que lhes subjaz. O conjunto terminológico de um campo, por estar estreitamente ligado à sua 'visão de mundo', tem por objetivos a designação, representação e comunicação dos conceitos desse campo do saber. Para isso, relacionam-se entre si e formam um sistema conceitual. Por isso, um termo não pode ser considerado isoladamente, mas em comparação aos outros termos. Assim, podemos dizer que o termo é um instrumento de comunicação entre especialistas, em situações que apresentam um caráter diferenciador com relação ao tema, diz respeito a uma área específica e é objeto, geralmente, de comunicações profissionais. Para cumprir sua função de facilitar a comunicação entre especialistas, um termo deve (ISO 704, *apud* CAMPOS, 1992, p. 32) ser linguisticamente correto, preciso, conciso, permitir formação de derivados e ser padronizado.

Conforme Cabré (1999, p. 135), os termos, embora estejam tradicionalmente associados somente a uma categoria básica, que é a nominal, ao aparecerem no discurso, podem assumir outras categorias gramaticais.

Krieger (2004, p. 75) considera, simultaneamente, a unidade terminológica, tanto como elemento constitutivo de produção do saber, quanto como componente linguístico, em que as propriedades favorecem a univocidade, isto é, a relação entre dois conjuntos que se aplicam a sujeitos diversos de maneira absolutamente idêntica, da comunicação especializada.

É importante frisar que Krieger & Finatto (2004, p.78) acrescentam, também, que um termo é, antes de uma unidade linguística, uma unidade de conhecimento, cujo valor se define pelo lugar que ocupa na estrutura conceitual de uma especialidade.

Ainda, valemo-nos de Cabré (1999, p.119), ao afirmar que os termos

[...] não formam parte de um sistema independente das palavras, mas que conformam com elas o léxico do falante, mas ao mesmo tempo, pelo fato de serem multidimensionais, podem ser analisados de outras perspectivas e compartilha com outros signos de sistemas não linguísticos o espaço da comunicação especializada.

Ainda, segundo essa autora, os termos são unidades singulares, às vezes, similares a outras unidades de comunicação, aceitando variação conceitual, considerando a dimensão textual e discursiva dos termos. Desse modo, entende-se que o termo compreende tanto uma vertente conceitual, expressando conhecimento e fundamentos dos saberes, quanto uma face linguística, determinando sua naturalidade e integração aos sistemas linguísticos.

De acordo com Barros (2004, p. 42), um termo sempre está associado a um conceito, pois cada termo desempenha um conceito da estrutura de um determinado domínio especializado. Cabré (1999) explica que os termos se caracterizam como o conjunto de signos linguísticos que constituem um subconjunto dentro do componente léxico da gramática do falante.

1.5 INOVAÇÃO LEXICAL

A inovação lexical é motivada pelo fato de que a língua, normalmente, dá conta das transformações que ocorrem na realidade dos seus falantes, ou seja, do aparecimento de novos objetos, conceitos ou ideias; e o faz buscando soluções diferentes. Cunhando uma palavra nova, como se faz na maioria das ciências e técnicas (telescópio, tacômetro, bafômetro) ou tomando emprestadas palavras de outras línguas (*laser*, *bite*, aeróbica) ou dando novo significado a uma palavra conhecida, como é o caso de guilhotina (cortador de papel), (ALVES, 1994).

Essas mudanças léxicas explicam que há sessenta anos não existiam palavras, como: fax, computador, vídeo, retrovírus, já que não havia realidades às quais elas se referem. O mesmo fenômeno é produzido em direção oposta, ao ir abandonando realidades, esquecemos também as palavras com as quais fazíamos referências a elas, pois se converteram em palavras desusadas, arcaísmos.

1.5.1 Neologismos

A existência de neologismos em uma língua é sempre um indicador de vitalidade, tanto quando as novas palavras surgem de forma arbitrária e, às vezes, como quando a língua realiza esforços para sistematizar sua existência, evidenciando, assim, que a neologia é um fenômeno de inovação léxica. Trata-se de uma nova palavra criada na língua, pela necessidade de o indivíduo querer se expressar e, para isso, busca uma palavra ideal.

A linguagem dos grupos sociais se caracteriza devido a novos termos influenciados por outros ou nunca vistos, mas que possuem um significado, como, por exemplo, as gírias.

Os neologismos podem surgir de uma reutilização de elementos morfológicos ou sintáticos, mas, também, de uma associação de sons e letras (tic-tac), de uma troca de significado de palavras já existentes (vírus = na medicina; vírus = informática), ou pela introdução de palavras que pertencem a outros sistemas linguísticos, que podem ser línguas vivas (empréstimos, estrangeirismos) ou línguas etmológicas (latim e grego, no caso das línguas românicas) (CABRÉ, 2006).

Um exemplo de reutilização de elementos morfológicos e de sistematização do processo neológico é, por exemplo, atribuir novos significados para os afixos: o

prefixo tele (a distância) em palavras como teleobjetivo ou telegrama, que, devido à influência da televisão, estendeu também seu aos conceitos: telenovela, teleaula etc.

Para Bastuji (1979, p. 55-56), todo neologismo

[...] é um processo em dois tempos: criação individual que requer atividade enunciativa de um sujeito identificado ou não, e depois difusão social onde a unidade é retomada em novos discursos, ou onde ela aparece como citação e depois se dilui no uso de um grupo ou da massa falante. A lexicalização realiza uma economia de mensagem, fixa a mobilidade combinatória em unidades sincronicamente estáveis e assegura uma codificação social dos objetos e conceitos.

É interessante lembrar que quando se produz trocas no significado de palavras já existentes, essas podem ter ocorrido devido a mudanças gramaticais ou à extensão semântica. Assim, os tipos de neologismos são: semântico, lexical e sintático.

1.5.1.1 Mudanças gramaticais

As mudanças gramaticais ocorrem devido a uma troca de categoria gramatical e podem ocorrer:

- de nome para adjetivo: informática – rede informática;
- de adjetivo a nome: enfermidade terminal – terminal – de ônibus. Alves (1994, p. 62- 65), por exemplo, cita o caso do adjetivo *baixinho* cujo significado básico é o de uma pessoa muito baixa e que, tendo passado por um mecanismo de transposição metafórica, significa, também, criança (muito usado pela apresentadora Xuxa).
- de particípio a nome: traçado, resultado;
- a uma troca de gênero: físico (corpo); física (disciplina);
- a uma troca de número: bem – bens (patrimônio);

1.5.1.2 Extensão semântica

Nos casos de extensão semântica, o termo se estende até abranger uma realidade próxima, de tal maneira que existe um parentesco entre o sentido original e a nova denominação e que pode ser baseado em:

Relação lógica:

- do concreto para o abstrato:

Tribuna = lugar elevado de onde falam os oradores; tribuna (oratória) = arte de falar em público, eloquência. Tribuna = arquibancada.

- do abstrato para o concreto:

Novidade = qualidade de novo. Novidade = coisa, produto ou artigo recém surgido no mercado.

As relações que se seguem têm sido tradicionalmente chamadas metonímia:

- da matéria ao objeto: diamante (talhado com um diamante na ponta). Acetato (sal ou éster do ácido acético). Película de acetato. Polivinil (disco de polivinil).

- do signo ao significado: curva (estatística) = representação gráfica da distribuição da população. A palavra se converte na distribuição mesma.

- da parte ao todo: toca discos (antigo) = inicialmente designava o dispositivo que compreendia a platina, o motor e os mecanismos de arraste, depois passou a designar todo o aparato que faz os discos tocarem.

- da causa ao efeito: lavado (ação de lavar); lavado (quantidade de material lavado).

- do conteúdo ao continente: vaso (continente); vaso de planta (conteúdo).

- do lugar para a coisa que dali procede: xerez (vinho).

- do instrumento ao que o maneja: corneta (instrumento musical); corneta (pessoa que toca a corneta no exército).

1.5.1.3 Analogia

Carvalho (2006) argumenta que, tradicionalmente denominadas metáforas linguísticas, as relações analógicas se produzem quando se dá a um termo uma

acepção nova porque seu primeiro referente o lembra, por sua forma ou sua função, a uma nova realidade. Na tentativa de recobrir uma realidade análoga, a extensão semântica supõe a ampliação do sentido de um termo.

- analogia de forma: corvo = padre vestido com a batina (pejorativo).
- analogia de função: coelha (mulher muito fértil).

1.5.1.4 Assimilação

Pode-se definir a assimilação como sendo a transferência da denominação de um objeto a uma nova forma desse objeto, acarretando uma mudança no conteúdo semântico, que se transforma sem que se troque a denominação: cadeia = conjunto de elos, grilhão; cadeia = prisão. Percebe-se que, paralelamente, por sua forma e, talvez, sua função, semanticamente, a palavra representa outro objeto. Outro exemplo claro está na palavra xadrez = jogo; xadrez = cadeia, prisão. Nessas palavras, conservou-se a denominação.

1.5.1.5 Arbitrariedade e desmotivação

Alguns termos têm uma origem peculiar, anedótico ou arbitrário. A palavra átomo, por exemplo, que surgiu para denominar o indivisível; apesar de que se descobriram, posteriormente, partículas menores no interior do átomo, o termo permanece. A etimologia dos termos e o estudo da mudança semântica destacam a motivação original do termo, que pode ser muito diferente do uso atual. Observa-se a palavra trabalho que procede do latim *tripalium*, espécie de cepo ou instrumento de tortura, composto de três + *palus* (palo, peça de madeira larga e cilíndrica), ou seja, pelas três madeiras que formavam esse instrumento. Ainda hoje, o trabalho conserva o sentido de sofrimento, dor, pena. Dessa ideia, passou-se a: esforçar-se e trabalhar. Atualmente, trabalho é algo que as pessoas desejam e disputam, mesmo que não se trate do trabalho em si, mas do salário, os objetos, os serviços ou o prestígio que se podem adquirir com ele (CARVALHO, 1989).

1.5.2 As neologias

Neologia é definida por Guilbert (1975, p. 31) como a “possibilidade de criação de novas unidades lexicais, em virtude das regras de produção incluídas no sistema lexical”, presente tanto na língua geral quanto nas línguas de especialidade.

Já o neologismo, para Boulanger (1979, *apud* CABRÉ, 2006, p. 231), constitui a “unidade lexical de criação recente, uma acepção nova de uma palavra já existente, ou uma palavra emprestada de um sistema linguístico estrangeiro”, e, assim, aceita na língua da comunidade.

Dubuc (1992) considera que o neologismo é uma inovação nos hábitos lexicais de uma língua, assim, distingue quatro tipos de neologia: a estilística, a tecnológica, a social e a funcional, e se formam de maneira direta e indireta.

1.5.2.1 Neologia estilística

Em alguns casos, esse tipo de neologia pode se chamar também de neologismo politicamente correto. É o uso que se dá a certos termos ou expressões para evitar a conotação negativa que outros possuem: deficiente visual no lugar de cego; pessoa de opção sexual diferente no lugar de homossexual; africano em lugar de negro. Porém, é certo que alguns neologismos estilísticos pretendem dar uma sensação de maior afetividade ou de novidade, e mesmo de uma imagem renovada. Daí o uso de tanatólogo para o empresário de pompas fúnebres (agente funerário); de funeral, para enterros; e de finados para mortos (HERBERT, 2004).

Também a utilização de trabalho de investigação em substituição ao termo dissertação é uma forma de mudar de alguma maneira o conteúdo do conceito, tornando-o mais profissional, aspecto que preocupa a universidade atual.

1.5.2.2 Neologia tecnológica

A neologia tecnológica cria novas formas denominativas que respondem à presença de uma realidade nova: uma máquina, uma enfermidade desconhecida, um processo de fabricação inédito. Esse tipo de neologia é indispensável para todo especialista e o que preocupa, sobretudo, aos terminólogos e aos estudiosos da língua.

O principal problema desses neologismos é que, às vezes, coexistem várias denominações sinônimas não definidas previamente pelo uso de determinado termo: scanner = escaneador, explorador, sensor.

1.5.2.3 Neologia social

A neologia social surgiu a partir da revolução dos costumes e das estruturas sociais. No início do século XX, no auge do sindicalismo, muitas palavras surgiram: convênio coletivo, assembléia, folga etc.

Também, com a incorporação massiva das mulheres no mercado do trabalho e seu acesso às profissões reservadas aos homens, veio a necessidade de feminização dos títulos e cargos. Muitas vezes, ocorreu uma adaptação morfossintática, mas o prejuízo social impediu uma troca imediata e as mudanças se produzem de forma lenta. Assim, produzem-se incongruências de concordância como: o general = a generala; o oficial = a oficiala. Essa distinção de categoria relacionada ao gênero não consta, no entanto, no dicionário, porém, é considerada. Um caso similar é o de físico e física (nome da disciplina).

Por outro lado, algumas corporações tradicionais mudaram suas siglas em vista dessa proposta: Associação de Pais de Alunos (APA) passou a ser Associação de Pais e Mães de Alunos (APMA).

1.5.2.4 Neologia funcional

Entrariam nesse grupo as abreviações, em geral (siglas, acrônimos, abreviaturas e símbolos), mas também os casos de substituição de uma paráfrase por uma palavra única: a prova de fogo – antifogo; a prova de bala – blindado; vias de acesso ou de saída – rampas.

A neologia funcional baseia-se com frequência na analogia interdisciplinar, dessa forma, denomina-se lagarta para a esteira do trator; macaco para o instrumento que levanta o carro por ocasião da troca de pneus.

1.5.3 Abreviações

Na redação de um documento, às vezes, é conveniente recorrer a formas abreviadas para tornar o texto menos prolixo ou para simplificar a redação: a.C. – Antes de Cristo; aux. – auxiliar; Cia – Companhia; Adv. – advogado; km – quilômetro; cap. – capítulo; DETRAN – Departamento de Trânsito; Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária; entre outras. Podem-se citar, ainda, os símbolos químicos, como: Na – sódio; Ag – prata; K – potássio; Hg – mercúrio.

Diante desse panorama, é importante ressaltar, de acordo com Cabré (2006), que essas classificações partem de diferentes critérios, adaptando-se aos corpora de estudo, facilitando a análise dos neologismos apresentados nesta investigação.

1.5.4 Brasileirismos

Para João Ribeiro (1889 *apud* PINTO, 1978 p. 333), “brasileirismo é a expressão que damos a toda casta de divergências notadas entre a linguagem portuguesa vernácula e a falada, geralmente, no Brasil”. Para esse autor, brasileiro é focado primordialmente sob o ponto de vista da língua oral.

O mesmo autor amplia a perspectiva de definição de brasileiro, incluindo os brasileiros lexicais, quando se refere ao plano da expressão. Assim, ele destaca que

[...] os colonos trouxeram no século XVI as mesmas qualidades e a mesma linguagem idiomática dos precursores da época clássica; muitos dos chamados brasileiros de expressão, e até de prosódia, acham-se em perfeita concordância com certas peculiaridades dos séculos XIV e XV (JOÃO RIBEIRO, 1889, *apud* PINTO, 1978, p. 352).

Ao nos referirmos ao termo brasileiro algumas controvérsias têm ocorrido entre os estudiosos dos assuntos de língua, considerando-se que esse tema exige que se tenha a necessária clareza conceitual para definição do objeto que se estuda. Para isso, é importante esclarecer que, citando Matoso Câmara Jr (1978, p. 66³), “brasileirismo é constituído por qualquer fato linguístico peculiar ao português usado no Brasil, em contraste ao português usado em Portugal”, isto é, as inovações

³ CAMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 8. ed., Petrópolis: Vozes, 1978.

tipicamente utilizadas no português brasileiro. E “é justamente na fonética e no vocabulário que mais se distinguem os falares de Portugal e do Brasil” (JOTA, 1981, p. 53⁴).

Assim, nesta investigação, o enfoque se dá tão somente às definições de ordem lexical, por ser o léxico, sem sombra de dúvidas, a parte do português do Brasil que mais se enriqueceu de brasileirismos, podendo-se considerar os glossários e os vocabulários regionais as partes mais ricas da dialetologia brasileira.

Ao examinarmos dicionários, como Aurélio, Houaiss, percebe-se que eles definem brasileirismo a partir do critério de uso privativo como diferença, muito embora, tragam em seu interior itens léxicos usados em Portugal, etiquetando-os como brasileirismos em dicionários portugueses, como, por exemplo, o *Dicionário de Calão*, de Albino Lapa, fato esse que não ocorre nos dicionários brasileiros.

Dessa forma, se observarmos, por exemplo, o vocábulo *travesseiro*, no Novo Dicionário Aurélio (NDA), encontramos as seguintes definições:

Travesseiro [De travesso + -eiro.] S. m. 1. Almofada de paina, penas, lâminas de cortiça, etc., que se estende ao longo da testeira superior do leito e serve de apoio à cabeça de quem se deita. 2. Bras. Pano em que se enfia o travesseiro; fronha. 3. Lus. Almofada comprida que se atravessa sobre o colchão, ao longo da cabeceira da cama. 4. Arquit. Face do lado das volutas, em um capitel de ordem jônica. ♦ **Travesseiro de orelha**. **Bras. Fam.** Pessoa que dorme com outra. **Consultar o travesseiro**. Delongar para o dia seguinte a solução de um negócio, a tomada de uma resolução (grifos nosso).

Evidencia-se um conceito utilizado no Brasil, ou seja, *travesseiro de orelha*, definido como pessoa que dorme com outra; ou *consultar o travesseiro* para responder ou resolver algo. Resumindo, isso esclarece que os termos devem ser considerados de acordo com a situação de uso privativo, portanto, o esquema reflete a definição de brasileirismo encontrada no NDA: “1. Palavra ou locução própria de brasileiro. 2. Modismo próprio da linguagem dos brasileiros”.

Considerando-se o léxico, vale dizer, então, que um dicionário é o documento ideal para tratar brasileirismos, porque a unidade de base do dicionário é a palavra. Não se deve esquecer, porém, que, à medida que locuções típicas do Brasil são descritas, elas devem ser consideradas como brasileirismos. Justamente isso é o

⁴ JOTA, Z. dos S. *Dicionário de lingüística*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1981.

que o dicionário faz, ao agrupar locuções no final de um verbete, como, por exemplo, **do**no:

[...] **O dono da bola.** Bras. 1. Aquele que tem o controle absoluto de uma situação. **O dono da verdade.** Irôn. 1. Aquele que pretende estar sempre com a verdade, aquele que tem sempre razão.

É importante frisar que, no final do verbete **do**no, a locução *o dono da bola* recebe a marca **Bras.**, mas se houver outra locução com essa palavra, ela faz parte do português geral. Assim, no âmbito do léxico (ou da lexicografia) é preciso que se faça a distinção entre a etimologia e o emprego ou acepção de uma palavra (ou termo).

Observemos a definição de futebol, registrado no NDA – Séc. XXI (p. 824):

Futebol [do ingl *football*] s.m.. Cada um dos jogos esportivos disputados por dois times, com uma bola de couro, num campo com um gol em cada uma das extremidades, e cujo objetivo é fazer entrar a bola dentro do gol defendido pelo adversário.

O futebol mantém com a vida relações de semelhanças, pois o objetivo primordial de um e outro é à busca de situações favoráveis, em momentos de hostilidade ou adversidade. Essa superação, na vida, é o ato de transpor obstáculos; no futebol, a finalidade é superar a meta adversária, isto é, a marcação do gol.

Ressalta-se a importância da distinção no uso de expressões, como, variações, regionalismos, neologismos para entendimento objetivo do brasileirismo. Segundo Alves (1990), a neologia é um processo do léxico, enquanto o neologismo é o produto, ou seja, o próprio item lexical neológico, isto é, o neologismo é uma expressão nova, um novo item introduzido no acervo lexical de uma língua.

Portanto, analisar brasileirismos na Língua do Brasil é penetrar em um universo de ambiguidades conceituais em que se misturam pontos de vista bastante diferenciados, no que diz respeito à formação de tais expressões, serão expostas, de maneira sucinta, procurando definir brasileirismos na língua portuguesa.

Rodrigues (1958, p. 87) ressalta que “nesta contribuição apresentamos justamente uma série de brasileirismos de origem ameríndia com étimos

documentados”, complementando, ainda, que consideramos documentado um étimo, quando ocorre um dos seguintes fatos:

- a) são atestados na língua indígena a mesma forma e o mesmo sentido do brasileirismo em questão ou forma e sentido ligeiramente diferenciado;
- b) o brasileirismo provém evidentemente de um composto, cujos componentes são atestados na língua indígena. O composto só é considerado evidente, quando ele se explica pelos padrões de composição da língua indígena e apresenta sentido condizente com o de brasileirismo.

Para Silva Neto (1979, p. 606), o

[...] qualificativo de brasileirismo só se deve aplicar a palavras de uso exclusivamente regional. Para nomes de árvores, animais e palavras de uso geral [...] é preciso usar o qualificativo de português do Brasil.

Convém esclarecer que Silva Neto percebe brasileirismo somente no plano lexical da língua, seja na variação horizontal, geográfica, ou na variedade vertical, que organiza os quadros taxonômicos do conhecimento humano.

Ao tratar das questões do Modernismo e da língua portuguesa, no Brasil, Lessa (1976, p. 46) equivale brasileirismos a termos populares. No caso, termos populares são “termos e expressões que habitualmente só empregamos no linguajar descuidado, os quais sentimos pertencerem, caracteristicamente, à linguagem corrente”. E mais: “termos e expressões que, no consenso unânime dos que falamos o português do Brasil, são próprios da língua falada, coloquial ou plebeia”.

Assim, o autor interpreta os brasileirismos sob o sentimento de que tais termos e expressões só são usados no plano da língua oral. Deixa, ainda, a forte impressão de que o brasileirismo pertence a um nível de língua abaixo do que seja o “padrão”, o que cria certa contradição com outra declaração do mesmo autor, quando diz que os brasileirismos pertencem caracteristicamente à linguagem corrente.

Para Biderman (1998, *apud* PIRES DE OLIVEIRA, 1999 p. 95), brasileirismo é “[...] qualquer fato linguístico (palavra, expressão ou seu sentido) próprio de uma ou de outra variedade regional do português do Brasil”. Esse conceito nos leva a dizer que as definições correntes de brasileirismo relacionam as unidades lexicais a fontes etimológicas difusas – indígenas: linguagem portuguesa vernácula e a falada

geralmente no Brasil, vocábulos ou locuções da língua portuguesa falada pelos brasileiros, palavras portuguesas que adquiriram novos significados, palavras de uso exclusivamente regional, brasileirismos de origem ameríndia, termos e expressões que, habitualmente, só empregamos no linguajar descuidado, entre outros pontos de vista que deixamos de apresentar aqui porque, de uma forma ou de outra, a conceituação se situa na mesma esfera.

Para análise de dados, utilizamos o Novo Dicionário Aurélio (NDA) – Século XXI, cuja obra fornece uma diversidade de termos de brasileirismos e neologismos e apresenta como vantagem a pesquisa reversa. Esse método oferece confiabilidade como recurso para a análise, registrando uma grande quantidade de neologismos e brasileirismos com marcas de especialidade, transformando um conceito genérico em específico, sem fazer menção disso em qualquer parte da obra.

Entende-se que, no âmbito do léxico e, particularmente, da lexicografia, deve ser feita distinção entre a etimologia e o emprego de uma palavra ou acepção. O uso de uma palavra, especificamente no Brasil, não é critério unicamente válido para fixar o conceito de brasileirismo e/ou neologismo, porque, por exemplo, uma dada palavra pode ser de uso corrente no Brasil e já ser considerada um arcaísmo em Portugal, ou uma palavra pode ser usada no Brasil, mas a origem é estrangeira; assim como, também, seus significados serem distintos.

Registram-se, portanto, diferentes significados para certos verbetes, no Brasil e em Portugal:

No Brasil	Em Portugal
Abridor	Tira-cápsulas
Açougue	Talho
Aeromoça	Hospedeira de bordo
Bonde	Eléctrico
Conversível	Descapotável
Encanador	Picheleiro
Espadrapo	Penso rápido
Fila	Bicha
Grampeador	Agrafador
Ônibus	Autocarro
Pedestre	Peão
Ponto de ônibus	Paragem
Sanduíche	Sandes
Suco	Sumo
Trem	Comboio

A contradição que encontramos no fundo da questão é que grande número de léxicos, no Brasil, é etiquetado, na lexicografia tradicional, com marcas de uso que os tipificam como pertencentes a linguagens de especialidade.

Todavia, nenhum autor separa os brasileirismos por tipo, de acordo com o discurso a que servem, se ao uso comum, se ao uso especializado. Sob esse ponto de vista, para classificar brasileirismo como entidade pertencente à lexicologia da língua ou como entidade pertencente às terminologias científicas ou técnicas, será preciso, em primeiro lugar, compreender o processo linguístico em que se formaram e o universo extralinguístico em que foram criados; em seguida, investigar se as questões relativas ao conceito são idênticas às de significado etimológico, considerando: i) uma definição de brasileirismo diante de outras para as quais temos críticas; ii) as marcas de uso que dão ao brasileirismo o *status* de brasileirismo terminológico; iii) a abrangência dos brasileirismos no universo lexicológico e terminológico, com base na formação, isto é, linguística dessas unidades; iv) a criação (extralinguística); v) conceito de brasileirismo X significado etimológico; vi) conceituar o que é brasileirismo.

Na verdade, a etimologia por si só não é critério mais preciso, mas, sim, a etimologia combinada com a criação, a formação e a significação da palavra em causa, sem esquecer, logicamente, as regiões onde são utilizadas essas palavras.

CAPÍTULO 2

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, a fim de alcançar as metas estabelecidas, estabeleceu-se definir um *corpus* constituído por dados lexicais coletados a partir de uma investigação sistemática extraídos das obras de autoria do Professor Luiz César Saraiva Feijó: *Futebol Falado*: e sua dramática linguagem figurada; *Brasil x Portugal*: um derby linguístico; *Aspectos da Gíria no Futebol* e *A Linguagem dos Esportes de Massa e a Gíria no Futebol*.

2.1 PROCEDIMENTOS

Optou-se por centralizar, a investigação a partir de novos itens neológicos que foram incorporados definitivamente ao vocabulário da língua portuguesa, falada no Brasil. O processo seletivo dos termos foi determinado, fundamentalmente pela atualidade e abrangência, principalmente entre os encontrados nas obras do Professor Feijó. As obras consultadas estão divididas de forma a trazer informações sobre termos usados nas mais variadas modalidades esportivas praticadas no Brasil, especialmente o futebol, nosso objeto de investigação.

No futebol, como na vida, existe a necessidade de reversão de algumas situações desfavoráveis, que somente pode ser obtida por meio de luta, de esforço, de coragem e de persistência, o que demarca um paralelo entre ambos.

Uma equipe desse esporte deve ser comparada a uma sociedade, pois nelas existem determinadas relações de cunho participativo, de caráter individualista e, ao mesmo tempo, coletivo, no qual a integração de cada um está diretamente ligada ou relacionada à sua capacidade de participação ativo no grupo, aos preceitos de hierarquia e adaptável às regras de convívio social.

Comparando uma equipe de futebol com uma pequena comunidade social, o jogador de futebol, é avaliado no seguinte contexto:

- a) Desempenha (ou não) suas atividades profissionais.
- b) Como ser social, dentro de sua própria comunidade.

Esses valores sociais passam a ser atribuídos por algumas qualidades que transmitam tanto em seu desempenho, vivenciados na qualidade de atleta, como em convívio cotidiano com os demais integrantes da comunidade onde habitam, em que constituem qualidades marcantes e necessárias: iniciativa, lealdade, coragem, condição de resolver problemas, capacidade de compartilhar seu sucesso com os outros integrantes do grupo.

Por apresentar um léxico próprio, e até mesmo rebuscado, o futebolês⁵ constitui-se de neologismos linguísticos repletos de elementos lexicalmente ricos para a análise dos linguistas e pesquisadores da linguagem, em geral. Contudo, muitos linguistas ainda não atinaram para essa fonte de estudos e análises que poderia gerar trabalhos que, certamente, serão úteis no reconhecimento das comunidades linguísticas.

Conclui-se, então, que à medida que o termo neológico passa a ser usado por outros grupos, isto é, que ele deixa de ser restrito, o estigma vai diminuindo, e ele passa a ser aceito pela classe dominante, constituindo os dicionários ou mesmo desaparecendo completamente.

Vale esclarecer que, diante da dinamicidade humana, não se propôs um ponto de chegada, mas uma trajetória ao longo da pesquisa, assim, por meio de um

⁵ O termo Futebolês usado em 2006 pelo linguista Luiz César Saraiva Feijó. Dicionário Futebolês: Inúmeros termos e expressões do futebol brasileiro. Comentários sobre seu uso, origem, curiosidades de todos os tipos. Localização na mídia. Explicações sobre os fenômenos da língua, localizados na gíria do futebol. Apreciações sobre o falar futebolês.

acompanhamento sistemático, procedeu-se uma pesquisa de caráter temático-lexical-descritiva, que obedeceu às seguintes orientações:

- Levantamentos bibliográficos, envolvendo os pontos básicos que serviram de aparato teórico acerca das concepções de língua, linguagem, linguagem comum e especial, teoria lexical, neologismos e brasileirismos, sendo eles a base norteadora para o desenvolvimento do trabalho.
- Consulta dos itens lexicais e vocábulos da linguagem técnica, extraídos do *corpus*.
- Análise do léxico dos neologismos/brasileirismos: analisados em conformidade com os processos lexicogênicos e a tipologia dos neologismos.
- Os itens lexicais do futebol, relativos aos termos neológicos, foram registrados em glossário, trazendo informações etimológicas, gramaticais, definições sinonímicas, além de comentários e abonações de cada unidade-entrada.

O novo Dicionário Aurélio – Séc. XXI serviu de referências para outorgar a rubrica de item e das unidades lexicais constituídas do *corpus*.

Basicamente, o estatuto de vocabulário pertencente à linguagem ou ao neologismo do futebol, somente se concretizou após a constatação de efetivo emprego pelo segmento social que pratica o esporte, de maneira particular, o futebol, levando em conta seu conhecimento, domínio, aceitabilidade e frequência de emprego pela massa de torcedores.

No que se refere a vocábulos adotados de outros sistemas linguísticos, será aplicada a classificação: Empréstimo – signo importado de outro sistema linguístico que se integra morfológicamente à língua adotante e que será utilizado pela comunidade de maneira generalizada, sem mais ser registrado como neologismo ou estrangeirismo.

O neologismo, num sistema linguístico, ocorre principalmente no plano lexical, pois dentre os componentes linguísticos é o léxico que melhor se espelha a realidade extralinguística de seus usuários, sobre a criação e renovação lexicais. Barbosa (1996, p. 78) expõe que o falante utiliza uma série de regras de produção já

existente no sistema lexical, portanto, o estudo da neologia lexical engloba a definição dessas virtualidades consolidadas.

Rondeau (1974, p.1) define o processo neológico partindo de uma perspectiva diacrônica, em que o item lexical inédito, recentemente incorporado ao acervo de uma língua é denominado neologismo e o mecanismo que determinou sua criação chama-se neologia.

2.2 A COLETA DE DADOS

Nesta seção, são feitos esclarecimentos sobre o método e técnicas utilizados para a coleta dos dados e de como essas informações foram utilizadas para a confecção do glossário de neologismo e, conseqüentemente, para a definição dos termos linguísticos.

2.3 GLOSSÁRIO DE NEOLOGISMOS

O Glossário de Neologismos do Futebol no Brasil (GNFB) foi constituído com base em termos oriundos do futebol, que nomeiam referentes relacionados a campos lexicais pertencentes à área esportiva.

Ressaltamos que o estudo de hipóteses etimológicas apresenta embasamentos necessários que definem proposições de características fundamentais para despertá-lo e fazer com que as pessoas compreendam o rumo tomado pelos acontecimentos esportivos principalmente no quesito linguagem de especialistas ao tratamento de variação linguística observada no meio dos profissionais esportivos, sejam eles jogadores de futebol, comentaristas esportivos, dirigentes esportivos ou simplesmente pessoas apaixonadas pelo esporte conforme sua modalidade.

Fundamentado nas teorias linguísticas, por entendermos que essa é a linha de pesquisa que melhor explica a variação linguística (MAGALHÃES, 2005), ressaltamos que foram adotados vários critérios metodológicos para delimitar o *cópus* da pesquisa, com objetivo principal de construir o Glossário de Neologismos do Futebol no Brasil (GNFB).

Barthes define corpus como

[...] uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, com (inevitável) arbitrariedade, e com a qual ele irá trabalhar (*apud* BAUER e AARTS, 2002, p. 44).

O autor complementa que ela depende da possibilidade de um referencial de amostragem, de uma lista ou combinação de listas de entradas essenciais à pesquisa.

Consideramos de grande relevância a produção de um Glossário que possa atender uma proposta de Lexicografia de modo adequado e prazeroso, apresentando uma gama de possibilidade para a própria lexicografia didática. O Glossário de Neologismos do Futebol (GNFB) pode, ainda, contribuir nos estudos descritivos da língua, tornando-se obra essencial à aprendizagem da língua materna, que ressaltam a visão de língua em movimento, estando subjacente a esse entendimento a dinamicidade do homem diante de suas relações sociais, pois se tem a convicção que, “se concebermos o mundo e a pessoa humana como móvel tudo o mais é imóvel e está em construção”, inclusive a linguagem, haja vista a flexibilidade lexicais (MATOS, 2001, p. 76).

2.3.1 Macroestrutura

Barros esclarece que a macroestrutura é a “organização de uma obra lexicográfica ou terminográfica”, relacionada às “características gerais da estruturação das informações em verbetes (vertical e/ou horizontalmente), à presença ou não de anexos, índices remissivos, ilustrações, setores temáticos,

mapa conceptual”, entre outros, representada, na nomenclatura, por uma seleção de palavras existentes, em ordem alfabética; embora, possa haver, também, a ordenação por família de palavras, de modo que a primeira (um lema) seja seguida por suas derivações (2004, p. 151).

Vale enfatizar, citando Krieger (2006), que o trabalho terminológico busca definir princípios e métodos orientadores da elaboração de glossários, dicionários técnico-científicos, bancos de dados terminológicos, ontologias, além de outros produtos que sistematizam e divulgam termos específicos de uma área, entre outros aspectos,.

Esclarecido isso, é importante ressaltar que o Glossário de Neologismos do Futebol (GNFB) apresenta 125 verbetes esportivos em ordem alfabética, selecionados de um universo aproximado de três mil verbetes devidamente catalogados, e optamos por registrar os com maior incidência no português falado no Brasil, extraído da pesquisa realizada no <www.google.com.br>.

Destaca-se que este trabalho tem o objetivo de contribuir para os estudos neologismos esportivos e, conseqüentemente, servir como referência de pesquisa. Ao consultar o glossário, o leitor irá encontrar as principais terminologias da área esportiva, neste caso, o futebol, visto que a linguagem dos esportes de massa tem notável repercussão na sociedade brasileira, justificando-se, pois, que essa modalidade idiomática tem despertado a atenção dos meios acadêmicos.

As dimensões dos termos esportivos, especialmente do futebol, multiplicadas pelos diversos meios de comunicação, constituem domínio privilegiado do esporte. Os neologismos que compõem o glossário foram comparados aos das obras de Feijó, sendo destacados termos recorrentes entre os jogadores do Mato Grosso do Sul e aqueles da obra de Feijó, com 125 verbetes.

Com base voltada à área da linguística, Feijó, professor adjunto aposentado da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e Universidade Federal Fluminense (UFF) e Membro da Academia Brasileira de Filologia, oferece algumas opções de hipóteses etimológicas, mostrando, também, como fenômenos da linguagem, sob vários aspectos, se presentificam na linguagem especial do futebol, em todas as estruturas da língua, tais como a morfologia, a sintática, a fonética e a semântica.

2.3.2 Microestrutura – Termos

Microestrutura é a organização dos dados contidos no verbete, ou melhor, o programa de informações sobre a entrada no verbete, levando-se em consideração três elementos em relação à distribuição dos dados na microestrutura, ou seja: “o número de informações transmitidas pelo enunciado lexicográfico/terminográfico; a constância do programa de informações em todos os verbetes dentro de uma mesma obra; a ordem de sequência dessas informações” (BARROS, 2004, p. 156). Entende-se, então, que microestrutura é o conjunto das informações ordenadas de cada verbete após a entrada.

Ressalta-se que o principal objetivo da Terminologia é “dar conta do funcionamento das unidades lexicais especializadas em situações comunicativas profissionais, acadêmicas ou científicas (LORENTE, 2004). Cabré (1999) complementa, entretanto, que a terminologia se ocupa dos termos de especialidade, sendo que, para a filosofia, a terminologia é um conjunto de unidades cognitivas que representam o conhecimento especializado.

Cabré acrescenta que os termos

[...] não formam parte de um sistema independente das palavras, mas que conformam com elas o léxico do falante, mas ao mesmo tempo, pelo fato de serem multidimensionais, podem ser analisados de outras perspectivas e compartilham com outros signos de sistemas não linguísticos o espaço da comunicação especializada (p.119).

Entende-se, então, que os termos são unidades singulares, às vezes, similares a outras unidades de comunicação, admitindo variação conceitual e denominativa, considerando a dimensão textual e discursiva.

Os verbetes deste Glossário contam com os seguintes campos essenciais: termo, referências gramáticas, definição, equivalência, contexto, sinônimo e fonte de dicionário.

Os termos são apresentados em letras minúsculas e em negrito. Devemos salientar que alguns substantivos são utilizados, no gênero feminino, caso que mantivemos o termo no gênero que são utilizados.

Quanto à formação, verificamos termos simples: ala, goleiro, futebol; termos formados por derivação: bombardeio, entrincheirar, encaçapar; termos formados por composição: contra-ataque; meio-de-campo; e também termos formados por composição sintagmática.

2.3.3 Referências Gramaticais: Definições e equivalências

As referências gramaticais são feitas, na maioria dos casos, a substantivos masculinos e femininos.

Neste Glossário, os sintagmas nominais são classificados como substantivos.

Nesse campo, apresentamos a definição dos termos, que foram recorrentes entre os jogadores de futebol de Mato Grosso do Sul, comparadas às seguintes obras: *Futebol Falado: e sua dramática linguagem figurada*; *Brasil x Portugal: um derby linguístico*; *Aspectos da Gíria no Futebol* e *A Linguagem dos Esportes de Massa e a Gíria no Futebol*, do Professor Luiz César Saraiva Feijó.

Lembrando Cabré (1993, p. 265), enfatiza-se que essa autora destaca que um dos princípios fundamentais que a teoria terminológica impõe à sua prática é de que os termos de um glossário especializado devem proceder de textos reais, e não podem ser “inventados” nem “criados” pelos terminólogos. Assim, na equivalência, registramos a relação entre duas ou mais proposições dos termos ligados ao futebol, com o mesmo valor de verdade, optando, então, pelo contexto extraído das obras do Professor Luiz Cesar Saraiva Feijó, filólogo e estudioso de unidades terminológicas. Nesse contexto, as fontes que deram origem ao *corpus* do trabalho respeitaram os princípios da atividade terminológica no que tange à confiabilidade e à representatividade.

Incluímos informações extraídas do Novo Dicionário Aurélio, no qual foram encontradas as unidades terminológicas. Convém esclarecer que o sinônimo é indicado apenas nos termos principais, assim, registramos as relações sinonímicas entre os termos esportivos.

2.3.4 Delimitação de critérios

Para a delimitação de critérios de neologismos, analisamos a lista de palavras do Dicionário Aurélio, escolhido por ser o dicionário de uso mais popular, portanto, mais conhecido e procurado pela maior parte da sociedade. Lembrando, então, que, para Biderman (2000, p. 34), o Aurélio se enquadra na categoria “dicionário geral da língua com seus 115.243 verbetes”. Ela considera um dicionário de 100.000 a 400.000 palavras como “um tesouro lexical”.

Observemos:

Quarta-de-final S. f. Bras. Esport. 1. Num torneio disputado por eliminação, etapa em que se realizam quatro jogos, com oito times buscando a classificação às semifinais. Comentário: quarta-de-final é substantivo feminino, brasileirismo da área de esportes.

Com base na análise de dados, elaboramos os critérios a seguir para delimitar neologismo. Assim sendo, para que uma palavra seja considerada um neologismo, deve, no nível de unidade simples e no nível de unidade composta ou complexa, admitir num crescendo:

1. A marca *Bras.*; _ 2. a marca *Bras.*, Seguida ou não de quaisquer outras marcas sociais, geográficas ou estilísticas; _ 3. a marca *Bras.*, Seguida ou não de quaisquer outras marcas sociais, geográficas ou estilística, seguida de marca de área de especialidade, ou,
2. Palavra = + marca *Bras.* ± marca social, geográfica ou estilística + marca de área de especialidade ↓ termo ↓ brasileirismo terminológico

2.4 DESCRIÇÃO DOS TERMOS LINGUÍSTICOS

De acordo com Ferreira (2007, p. 251),

[...] línguas são heterogêneas, variam constantemente, condicionadas a fatores de ordem linguística e extralingüística. Essas variações demonstram a identidade regional e sociocultural, dois usuários de uma mesma língua. [...]. Mostram, ainda, que as diferentes comunidades, embora morem em um mesmo país, compreendem o mundo de diversas maneiras, de acordo com

seus costumes e da região, e isso é totalmente refletido em seu modo de falar. [...]. Sendo a língua o fundamento básico da cultura de um povo, a maneira com que se expressa reflete a sua cosmovisão e suas aspirações.

As descrições dos termos a seguir vêm contribuir com os estudos da neologia. Por exemplo, o termo *amarelar*, usado pelas pessoas conhecedoras do futebol, tem o sentido irrestrito de demonstrar que o jogador ficou com medo da equipe adversária, deixando, assim, de apresentar o futebol esperado pela torcida.

No Dicionário Aurélio, o termo *amarelar*, verbo intransitivo, tem o significado de: *fazer-se amarelo; amarelar-se; perder o viço; empalidecer; desistir, por medo, de enfrentar situação perigosa e/ou difícil; acovardar-se*. Como verbo pronominal, tem o significado de *fazer-se amarelo; amarelar-se*.

Esse mesmo termo, como citado por Feijó (2010, p. 211), tem o sentido de designar o auxiliar de arbitragem, o bandeirinha, na marcação de alguma falta, erguendo seu instrumento de trabalho. O termo usado para designar a atitude dos árbitros nas repreensões aos jogadores, mostrando-lhes o cartão amarelo, significa advertência diante de uma falta grave, na reincidência, o jogador receberá um cartão vermelho, devendo retirar-se do jogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Convém frisar que, hoje, no Brasil, existem trabalhos abordando questões de natureza teórico-linguísticas sobre o vocabulário do futebol usado no cotidiano da sociedade e empregado, sistematicamente, pela imprensa.

Resgatando nossos objetivos, vale lembrar que o motivo para realização de uma pesquisa lexical, nessa área, foi a intenção de registrar alguns vocabulários da linguagem peculiar do futebol, oferecendo, em nível de produto lexicográfico – o *glossário* – uma estrutura com algumas entradas, com a inclusão, em seu plano de formações sintagmáticas nominais e verbais; associadas, com observações morfossintáticas, estilísticas e etimológicas, em relação àquelas ofertadas por algumas publicações existentes no âmbito do léxico do futebol, nas quais inexistem preocupações de embasar o produto lexicográfico, com informações morfossintáticas, a partir de fundamentações de caráter teórico-metodológicas, contribuindo, também, para os estudos terminológicos esportivos e, assim, servir como referência de pesquisa

Cada grupo profissional e social, no caso específico do futebol, é detentor de saberes, experiências vitais e de uma visão de mundo que conduz à reflexão em seu vocabulário e que, por intermédio desse, perpetua, dissemina e amplia. Este glossário, contendo termos neológicos usados no futebol, constitui, sócio-culturalmente, produto e reproduz de modo claro, a cultura no interior da

comunidade em que se insere e se estabelece. Exatamente aqui é que as evoluções sócio-históricas far-se-ão passíveis de registro, estudo e documentação.

Constatou-se, na investigação, que a linguagem do futebol caracteriza-se por uma busca constante da expressividade, procurou-se documentar, neste glossário, o modo como a mídia esportiva, para atingir o torcedor consumidor, ávido por informes futebolísticos, utiliza-se com grande eficácia de recursos ofertados pela língua portuguesa empregando uma linguagem correta no meio futebolístico para atingir eficazmente seu público alvo.

Expressões inusitadas, palavras pitorescas e altamente sugestivas extrapolam a área de domínio exclusivo dos aficionados do futebol e incorporam-se à linguagem cotidiana, incluindo-se, até mesmo, no vocabulário de pessoas não-adeptas a essa prática desportiva, povoando a linguagem do universo futebolístico, gerando neologismos que acabam por se anexar ao tesouro lexical da língua portuguesa.

Conforme cita Carvalho, muitos

[...] são neologismos **da língua**, isto é, palavras que não se distinguem de palavras comuns do léxico; outros foram neologismos **da fala**, isto, é, criações de autor, que enriquecem o léxico. Os neologismos de língua surgem em função de uma atualização e ninguém sabe quem os criou: *peemedebista, transgênico, celular*. Os neologismos de fala surgem eventualmente e são introduzidos na língua para expressar um fato novo ou pouco habitual. O *lulês* e o *tucanês* são exemplos de José Simão, na sua coluna da FSP (CARVALHO, 2006, p. 12).

Isso se evidenciou nos neologismos da linguagem do futebol, (quer no corpo das reportagens escritas, faladas e televisas), nas quais se apresentam duas modalidades de linguagem técnica: a técnica-profissional, propriamente dita; e a linguagem técnico-banalizada que incorpora também formações gíriáticas.

A primeira constituída fundamentalmente por composições, sintagmáticas, verbais e nominais - e derivações prefixais; a segunda, pelo abundante emprego de metáforas. Ressalte-se que a gíria e o neologismo provêm de origem distinta, uma variante própria em que jargões, clichês e desvios do padrão-culto acabam por determinar o surgimento de uma linguagem de cunho banalizada que, à primeira vista, dá a falsa impressão de intelectualidade e competência.

Percebeu-se, ainda, que a migração de vocábulos de diversos domínios da atividade humana para o universo futebolístico, e vice-versa, é usual e produtiva, de tal forma, que a crônica esportiva recolhe material linguístico da língua geral. Assimilando-o e, mediante um processo metafórico, incorpora-o, já com outra acepção, na linguagem especial do futebol, ampliando, assim, o quadro de variantes da língua portuguesa.

Por ser um esporte da massa com maior número de simpatizantes, no Brasil, independente de nível social, faixa etária, escolaridade e sexo, fato que lhe outorga a condição de fenômeno sócio-antropológico, nada mais natural que ocorra, da mesma forma, um processo inverso, ou seja, a migração de léxicos da linguagem própria do futebol para o vocabulário do cotidiano das pessoas, gerado por meio de um processo de associação e expansão metafórica, criando um novo item lexical de caráter neológico, que, após ser aceito pelos usuários da comunidade linguística, passa a ser largamente empregado, inclusive pelos não-aficionados do esporte.

Quanto à formação, na linguagem do futebol, pode-se atribuir ao caráter técnico e ao técnico banalizado o expressivo número de unidades lexicais sintagmáticas, haja vista que esse processo é extremamente rentável em todas as áreas terminológicas do saber humano.

Por isso, a grande ocorrência de itens lexicais neológicos pertencentes ao universo do futebol empregados no discurso profissional, inclusive de executivos de grandes empresas. Pode-se exemplificar pelas máximas; “*é preciso atacar como time grande e defender como time pequeno*”; “*dar um bico na crise*”; “*primeiro marcar um gol para depois marcar o outro*”; “*fazer marcação cerrada no concorrente*”, etc.

É válido destacar que a linguagem do futebol, a modalidade esportiva com o maior número de adeptos, no Brasil e, possivelmente, em todos os países está, basicamente, polarizada no universo linguístico militar com sua terminologia bélica e nos empréstimos linguísticos, principalmente da língua inglesa.

Esta investigação deixou claro que a associação semântica entre o futebol e a guerra, na imprensa esportiva, é facilmente perceptível no emprego de inúmeros vocábulos e expressões caracterizadoras de conquista, violência e aniquilação. Evidenciou-se, também, que a terminologia militar está presente em conceitos

básicos, como, artilheiro, atacar, defender, esquadrão, flanco, etc. Também a violência virtual emerge a partir de contextos bélicos, o campeonato é uma guerra, o jogo é uma batalha e o adversário é um soldado inimigo a ser batido e impiedosamente aniquilado.

Esse processo analógico remete, ainda, a um sentimento de patriotismo em relação ao futebol, fato constatado nas crônicas de Néelson Rodrigues, referindo-se à Seleção brasileira de Futebol, como: “*a Pátria de Chuteiras*”.

Não foi nossa intenção esgotar o assunto e nem poderíamos diante de sua riqueza. Todavia, espera-se que o *Glossário de Neologismos do futebol* possa servir como fonte geradora para:

- a) sistematizar conhecimentos relativos ao universo do futebol;
- b) difundir, esclarecer e ampliar conhecimentos especializados sobre futebol;
- c) incentivar e oferecer embasamento teórico-lexicográfico, para a elaboração de outros glossários temáticos.

Nesse sentido, a contribuição do *Glossário de Neologismos do futebol* – dirigida aos estudiosos dos neologismos e do léxico e demais interessados, embora modesta, é uma espécie de retribuição a esse esporte pelas alegrias que tem proporcionado ao povo brasileiro.

As referências, coletadas nas obras de Feijó, foram registradas com destaque em **negrito**, exemplo:

Meiúca (FEIJÓ, p. 165).

O contexto abonatório foi extraído do <www.google.com.br> no período compreendido entre setembro de 2010 a maio de 2011, contendo informações sobre a página e a data de sua publicação (postagem).

As abonações foram destacadas em formato reduzido e, o item lexical referência, além do destaque já mencionado, está realçado em negrito: Exemplo:

Azarão - s.m.

- Equipe com poucas possibilidades de conquistar um torneio ou campeonato, mas que pode surpreender.

O Vitória, campeão baiano da temporada, não aceita o rótulo de **azarão** do Grupo C, considerado o grupo da morte da competição, e promete atrapalhar os planos de Cruzeiro, Grêmio e São Paulo [...]. (Lce, /www.lancenet.ig.com.br/ -02.07.02).

Quando existe interrupção do contexto em que se acha inserida a abonação, a ocorrência recebe a marca convencional: [...].

Exemplo:

[...] *aos 50 segundos de jogo, Osmar pegou um chute de curva e enfiou na **gaveta** do goleiro Rogério.*

GLOSSÁRIO DO FUTEBOL

Abreviaturas Símbolos e Convenções utilizadas no Glossário

Adj	Adjetivo
Adv	Advérbio
Loc. Adj	Locução Adjetiva
s.f	Substantivo Feminino
s.m	Substantivo Masculino
s.v	Sintagma Verbal
v.i	Verbo Intransitivo
v.t	Verbo Transitivo

A

Acariciar - v.t.

- Movimentar a bola, com uma série de toques leves com os pés, aguardando uma alternativa para concluir a jogada ou para deixar o tempo passar.

Ronaldo **acaricia** a bola e a despacha com a chuteira para a cabeça; deixa-a rolar na nuca, onde repousa por segundos, [...]. (www.estadao.com.br/ - 21.06.98).

Ajeitar - v.t.

- Dominar e posicionar a bola para um passe ou para um arremate a gol.

Correa dominou na entrada da área e **ajeitou** para o chute forte de Marcinho, que foi para fora. (UOL, /www.uol.esporte.com.br/ - 26.03.05).

Alambrado - s.m.

- Cerca de arames resistentes, comuns em alguns estádios brasileiros onde são realizadas partidas oficiais, geralmente com mais de 3m de altura que separa o campo de jogo dos torcedores.

O presidente do Vasco foi indiciado hoje por lesão corporal culposa (sem intenção) pela queda de parte do **alambrado** do estádio de São Januário, [...]. (FSP, /www.folha.com.br/ -05.02.01).

Alçapão - s.m.

- Designação para Estádio em que a torcida fica muito próxima do campo e a pressão do público pode dar ao mandante do jogo vantagem decisiva.

Usando a força de sua torcida no **alçapão** do estádio Independência, o Atlético-MG venceu o time do Vasco da Gama, e manteve-se na quinta colocação do Campeonato Brasileiro, agora com 57 pontos, vivo na briga por uma das vagas na Libertadores de 2004. (GE, /www.gazetaesportiva.com.br/ - 05.10.03).

Alfinetar - v.t. (der.

- Provocar, de maneira sutil, um desafeto no âmbito futebolístico.

[...] **alfinetou** sutilmente Romário sobre o fato de o técnico da Seleção, Luiz Felipe Scolari, não considerá-lo em boas condições físicas e técnicas para ser convocado. (JB /www.jbonline.terra.com.br/ - 06.08.01).

Amaciar - v.t.

- Interromper a trajetória da bola amortecendo sua força, tirando o seu efeito e mantendo-a sob seu domínio.

O zagueiro Sandro **amaciou a bola** no peito e concluiu de voleio, com a competência dos grandes atacantes. (Plc, /www.placar.com.br - 16.05.04).

Amarelar - v.i. .

- Amedrontar-se diante de um jogo difícil ou de um lance ríspido.

Para chegar às quartas-de-final, a Espanha terá de superar a fama de sempre **amarelar** em Copas, por apresentar um futebol bem aquém do que se esperava. (Plc, /www.placar.com.br/ - 15.06.02).

Arqueiro - s.m. (der.).

- Jogador cuja função é defender bolas lançadas contra sua meta, sendo o único atleta do time que pode praticar defesas com as mãos no interior de sua grande área.

A primeira convocação do goleiro Fábio para a Seleção Brasileira, anunciada terça-feira pelo técnico Carlos Alberto Parreira, apenas deu sequência a uma tradição vascaína que começou há 80 anos: desde Nelson Chofer, em 1923, o clube da Colina se notabiliza por ceder **arqueiros** para a seleção nacional.

Arranca-toco - s.m.

- Referência à equipe, ao jogador e ao futebol praticado em campo varzeano ou interiorano, sem um mínimo de condições técnicas.

*O segundo tempo estava começando e, de novo, a mesma história: retranca, catimba, zaga **arranca-toco** e essas coisas de futebol brucutu. (Plc, nº 1115 - abril/96 - p. 27)*

Arremate - s.m.

- Chute ou cabeceio em direção à meta adversária.

Os dois toques sutis de Alex, que desnortearam Emerson e Rogério, e o **arremate** para a rede se juntam a outros momentos memoráveis, proporcionados por craques da linhagem de Pelé, Dener, Pitta, Marcelinho. (ESP, /www.estadao.com.br/ - 22.03.02).

Azarão - s.m.

- Equipe com poucas possibilidades de conquistar um torneio ou campeonato, mas que pode surpreender.

O Vitória, campeão baiano da temporada, não aceita o rótulo de **azarão** do Grupo C, considerado o grupo da morte da competição, e promete atrapalhar os planos de Cruzeiro, Grêmio e São Paulo [...]. (Lce, /www.lancenet.ig.com.br/ -02.07.02).

B

Baladeiro - s.m.

- Jogador de vida desregrada e boêmia que exerce liderança negativa sobre jovem atleta do clube, induzindo-os a frequentar, em sua companhia, casas noturnas e boates. /ND/

Vampeta já foi embora há algum tempo, mas os reflexos de sua longa permanência como um dos líderes (negativos) do elenco corintiano permanecem, foi ele quem criou a turma dos **baladeiros** no Corinthians. (DSP, /www.diariosp.com.br/ - 29.01.04).

Balãozinho - s.m.

Lance no qual um jogador chuta sutilmente a bola por cima do adversário e vai recuperá-la à frente.

Na sequência, porém, outra falha de Marcos que adiantado levou um **balãozinho** do carrasco Romualdo (aquele mesmo do Gama) no quarto gol. (GE, – 03.02.03).

Barbada - s.f. (der.).

- Jogo em que um dos adversários, por sua superioridade técnica, deve vencer com facilidade.

No início do jogo e a certeza de que os meninos dariam um show, clima de festa total, a classificação às quartas-de-final da Libertadores seria um **barbada**, ninguém tinha dúvida disso. (ESP, /www.estadao.com.br/ - 08.05.03).

Bate-pronto - s.m.

- Lance em que um jogador chuta a bola no momento exato em que ela toca o solo.

O São Paulo reagiu aos poucos e mandava ligeiramente no jogo quando Oséas fez o segundo gol palmeirense, um golaço de **bate-pronto** que ele vinha ensaiando há algumas rodadas. (ESP, Cad. Esp, 08.09.97 - p. 02).

Bichado - adj.

- Portador de uma contusão crônica.

O “Boca” devolveu o volante Mancuso pro Flamengo porque o bofeiro estava com o joelho **bichado**. (NP, 31.01.97 - p. 07).

Bilheteria - s.f.

- Espaço localizado na parte externa dos estádios onde são vendidos ingressos para os jogos.

Só ontem as **bilheterias** registram a venda de mais de 17 mil ingressos para o jogo entre São Paulo e Santos, amanhã no Morumbi. (Agora, Cad. Vencer - 17-11-2002 - p. 05).

Bolada - s.f. .

- Pancada com a bola no corpo de um jogador.

Fizemos uma avaliação local e o levamos para tirar radiografias e fazer um exame de tomografia para ver se ficará alguma seqüela, mas ele vai ficar uma semana em repouso para avaliarmos melhor o impacto da **bolada**. (Plc, /www.placar.com.br/ -08.09.03).

Bola-redondinha - s.f.

- Jogador que pratica futebol de alto nível.

Não apenas pela excelência de sua **bola-redondinha**, mas porque Ricardinho é um dos raríssimos jogadores capazes de cumprir a função tripla que a posição dele, no esquema Parreira, exige. (DSP, /www.diariosp.com.br/ - 08.08.02).

Botinada - s.f.

- i) Lance em que o jogador ao invés de visar à bola, visa às pernas ou o corpo do adversário, atingindo-o de modo violento e desleal.
- ii) O calçado próprio, para a prática do futebol é a chuteira, contudo, é de uso corrente, na linguagem do futebol, vocábulos como *bota*, *sapato* e *botina* para designar a chuteira.

Owen tem cara de bebê, mas ninguém pode chamá-lo de chorão - levou **botinada** a rodo na Copa e jamais amarelou. (ESP, /www.estadao.com.br/ - 10.07.98).

Brigador - s.m.

- Jogador valente e lutador que não se deixa intimidar pelas jogadas viris do adversário.

Lúcio disputou as Olimpíadas de 2000 e, dois anos mais tarde, foi pentacampeão mundial, é um zagueiro **brigador**, sabe sair jogando e tem muita personalidade. (ET, /www.esportes.terra.com.br/ - 16.04.03).

C

Cabeça-de-bagre - s.m.

- Jogador destituído de recursos técnicos.

Nem todo cabeça-de-área é **cabeça-de-bagre**, o botafoguense Leandro mostrou que para anular o adversário basta talento e garra. (Plc, nº 1111 - jan/96 - p. 21).

Caça-níquel - adj. .

Vocábulo migrado do domínio dos jogos de azar para a linguagem do futebol.

- Torneio, ou jogos amistosos, que tem por objetivo reforçar o caixa de um clube ou de uma federação.

[...] Palmeiras encontram-se bem mais propensos a reforçar suas respectivas equipes nos amistosos **caça-níqueis** que comumente são realizados durante o período de disputa da Copa. (www.uol.esporte.com.br/ - 14.03.98).

Cai-cai - s.f.

- Práticas condenáveis, utilizadas por uma equipe interessada na suspensão de um jogo que está em andamento, provocando expulsões e simulando contusões, até que o árbitro interrompa a partida, como está previsto na Regra 03, por restarem em campo menos de sete jogadores.

A partida entre o CRB e o Murici, [...], foi suspensa no segundo tempo depois que os visitantes ficaram com menos jogadores do que é permitido, depois de promoverem o famoso **cai-cai** (www.esportes.terra.com.br/ - 23.05.02).

Cama-de-gato - s.m.

- Infração que consiste em trancar um jogador pelas costas, durante a disputa de uma bola alta, simulando que vai saltar, mas num movimento inesperado agacha-se, desequilibrando o adversário e, geralmente, arremessando-o ao solo.

Os tipos de chutes são de trivela, de bandinha, de efeito, de três dedos, tuba, bicudo, na veia e outros e, as faltas, infrações ou ainda irregularidades são do tipo sola, carrinho, tesoura, **cama-de-gato**, tostão e outras. (www.lancenet.ig.com.br/ - 06-06-02).

Cão-de-guarda - s.m.

- Defensores de muita marcação, mas de pouca técnica e nenhuma criação, incumbidos de marcar, de modo viril, os principais jogadores da equipe adversária.

Renato Gaúcho, técnico do Fluminense, já deixou claro que um dos seus **cães-de-guarda**, no caso o garoto Marciel, vigiará de perto os passos de Marcelinho na decisão do título estadual, que começa hoje. (JS, /www.jsports.com.br/ - 19.03.03).

Cara-ou-coroa - s.m.

- Sorteio realizado no centro de campo, pelo árbitro da partida, na presença dos capitães, para decidir qual a equipe que dará o pontapé inicial ou que terá direito de escolher entre o chute inicial ou o lado do campo de jogo. Para o sorteio, em jogos oficiais, o árbitro utiliza uma moeda ou uma medalha.

[...] que os três jogadores que formam a nova espinha dorsal do time – Juan, Vampeta e Edílson – são continuamente convocados para servir à Seleção Brasileira, que no segundo semestre está com a agenda cheia e não pode perder nem o **cara-ou-coroa** do início das partidas. (ET /www.terra.esportes.com.br/ - 21.10.01).

Catimbar - v.t.

- Utilizar recursos antiesportivos com a finalidade de confundir a arbitragem, tumultuar o jogo e irritar o adversário.

Na duríssima partida contra a Inglaterra, Carlos Alberto abandonou a posição só para dar uma porrada no atacante Lee, que tentava **catimbar** o jogo. (Plc, nº 1114 - abril/97 - p.59).

Cavadinha - s.f.

- Lance de oportunismo e picardia em que um jogador surpreende a zaga adversária lançando sutilmente uma bola alta, no interior da área, para o cabeceio de um companheiro que se desloca em velocidade.

A **cavadinha** de Ronaldinho, ao transformar seu pé direito numa pá em formato de concha para recolher a bola e jogá-la por cima dos beques em direção a Xavi, autor do gol da vitória do Barça [...]. (US, /www.ultimosegundo.com.br/ - 26.04.04).

Chapelar - v.t.

- Aplicar o tipo de jogada na qual a bola é sutilmente alçada por cima da cabeça de um adversário e recuperada, pelo mesmo jogador, mais à frente.

Aos 32min, [...] Ronaldinho interceptou um chute errado de Davids, **chapelou** o zagueiro Alfredo e finalizou de virada, marcando um golão. (ET, /www.esportes.terra.com.br/ - 09.02.04).

Chinelada - s.f.

- Derrota considerada vergonhosa.

A Eurocopa começou à meia-bomba — pelo menos nos jogos deste final de semana. Portugal, do nosso Felipão, já saiu levando uma sonora **chinelada** da Seleção da Grécia. (GB, /www.oglobo.com.br/ - 15.06.04).

Chupetinha - s.f.

- Categoria que congrega atletas mirins pertencentes a uma faixa etária entre 4 e 6 anos.

Apenas Solitinho, treinador de goleiros juniores e Paulo Borges, responsável pela avaliação nas categorias fraldinha e **chupetinha** continuam no clube. (DSP, /www.diariosp.com.br/ - 05.02.02).

Chutaço - s.m.

- Chute desferido com grande violência.

Para completar a festa rubro-negra, Fábio Baiano marcou o quinto gol depois de contra-ataque rápido, que culminou com seu **chutaço** de fora da área. (GB, /www.oglobo.com.br/ - 04.09.02).

Ciscar - v.i.

- Realizar jogadas aparentemente produtivas, mas desnecessárias, curtas e laterais, num pequeno espaço do campo de jogo.

Este já é o segundo Mundial em que Denílson entra nos jogos apenas para **ciscar** lá na frente, tentar driblar o time adversário inteiro e perder ótimas chances. (Plc, /www.placar.com.br/ - 17.06.02).

Corneteiro - s.m.

- Pessoa que tencionada participar, ou voltar a integrar o corpo administrativo do e, costumeiramente costuma tumultuar o ambiente com boatos, intrigas e acusações infundadas.

Segundo o diretor de futebol, José Dias, o técnico será mantido no cargo, pois para o clube essas pessoas fazem parte de um grupo de corneteiros, e **corneteiro** não tem vez no São Paulo (UOL, /www.uol.com.br/ - 07.10.01).

Corpo-a-corpo - s.m.

- Lance em que dois jogadores disputam a posse de bola utilizando-se dos ombros ou do tronco para deslocar o adversário.

E quando não posso disputar no **corpo-a-corpo** com os zagueiros, tenho de levar vantagem na velocidade, rapidez e habilidade, explicou Édson, artilheiro do Campeonato Paulista Sub-20. (GE, /www.gazetaesportiva.com.br/-05.05.02).

Corta-luz - s.m.

- Lance que consiste em ludibriar o jogador adversário passando entre ele e a bola em movimento ou entre ele e um companheiro.

Em uma jogada brilhante, Kleberson cruzou rasteiro para Rivaldo na entrada da área, que fez um lindo **corta-luz**, tirando a marcação alemã, e a bola caiu nos pés de Ronaldo, que bateu no canto esquerdo de Kahn. (FSP, /www.folha.com.br/ - 30.06.02).

Coxa-branca - s.f. [.

- Time do Coritiba Futebol Clube.

O **Coxa** tentou desempatar em uma jogada de contra-ataque de Jackson, aos 23 minutos, partindo sozinho em velocidade pela direita, mas hora da conclusão a defesa baiana colocou para escanteio. (ET, /www.esportes.terra.com.br/ - 19.06.03)

D

Dar bicão - sv

- Chutar a bola em qualquer direção, sempre que ela se encontrar nas proximidades da área defensiva.

O zagueiro Fábio Luciano, que agora é reserva, não quer saber de **dar bicão** pra frente. (GE, 24.10.00 p. 04).

Dar migué - sv

- Simular contusão para não participar de um jogo de risco.

Nunca fui jogador de **dar migué**, sempre joguei todas as partidas e não tinha interesse de ficar de fora da estréia [...] do Corinthians – afirmou Devid. (US. /www.ultimosegundo.ig.com.br/ - 31.01.03).

Defesaça - s.f.

- Lance em que o goleiro, intercepta, uma bola de altíssimo grau de dificuldade, quase impossível de ser defendida.

Os catarinenses tiveram duas grandes chances: primeiro foi Willian, depois Sandro Gaúcho, lances que exigiram defesaças de Rogério Ceni. (Plc, /www.placar.com.br/ -14.09.03).

Degola - s.f.

i. s.f.

- Dispensa de um grande número de jogadores de uma equipe, ao término de um campeonato, em razão de uma má campanha.

O presidente do Fluminense promete fazer uma **degola** geral no futebol profissional do clube, que terminou em penúltimo lugar no Campeonato Brasileiro. (GE, 10.11.97 - p. 06).

ii. s.f.

- Risco iminente de uma equipe ser rebaixada para um divisão inferior na próxima temporada em consequência de sua baixa pontuação durante um campeonato.

Fim de jogo e o fantasma da **degola** estão cada vez mais próximos de São Januário. (O Dia. /www.odia.ig.com.br/ - 2.09.02).

Deixadinha - s.f.

- Lance em que um jogador ilude o adversário, interpondo-se entre ele e a bola, simulando que vai tocá-la, mas deixa que ela passe para um companheiro que se encontra mais bem posicionado.

[...], após uma linda **deixadinha** de Zezinho, ele ficou cara a cara com Toni, escolheu o canto e aumentou a vantagem. (JC, /www.jornaldocomercio.com.br/ - 15.04.00).

Dente-de-leite - s.m.

- Denominação de uma das categorias de base de um clube, compreendendo jogadores situados em uma faixa etária entre sete a doze anos.

Loni é responsável pelas seguintes categorias: fraldinha, de 7 a 10 anos; dentinho, de 10 a 12 anos; **dente-de-leite** de 12 a 14 anos; infantil, de 14 a 16 anos; futebol feminino de 12 a 17 anos; juvenil de 17 e 18 anos. (UOL, /www.uol.esporte.com.br/ - 31.10.00).

Desentrosado - adj.

- Jogador que não consegue se entender ou concatenar jogadas com os demais companheiros de equipe.

Com a saída do Vampeta, quem entrar vai estar **desentrosado** ou então sem ritmo de jogo, mas acho que durante o jogo iremos nos acertar. (ET, www.esportes.terra.com.br/ - 06.12.02).

E

Embaixadinha - s.f.

- Série de toques leves na bola, com os pés, com a cabeça e com a coxa, mantendo-a por um longo período sem cair no solo.

Defendendo o Vasco, Pedrinho fez uma série de **embaixadinhas** quando o jogo estava 5 a 1 para o clube de São Januário, provocando a ira dos jogadores rubro-negros, dando início a um tumulto Generalizado. (GE, /www.gazetaesportiva.com.br/ - 01.12.03).

Embolando - adv.

i. adv.

- Congestionamento do campo de jogo em decorrência do acúmulo de jogadores em determinados setores.

Viola por sua vez abre pela esquerda e acaba **embolando** com Djalminha e o ala Júnior. (FT, Cad. Esp, 31.01.97 - p.02).

ii. adv.

- Igualando o número de pontos obtidos pelos adversários durante uma competição.

O Uruguai deu goleada e pulou a 14 pontos, **embolando** com o Brasil e Paraguai no 3º lugar. (NP, 04.09.00 - p. 14).

Emplacar - v.t.

- Vencer de forma convincente uma série consecutiva de partidas ou marcar um gol favorável.

[...], a equipe de Parque Antarctica não consegue **emplacar** duas vitórias seguidas desde a Copa dos Campeões do ano passado. (Plc, /www.placar.com.br/ - 08.02.03).

Encaçapar - v.t.

- Marcar um gol favorável.

Aos 5 minutos, Reinaldo tabelou na esquerda com Gustavo Nery, que cruzou para Luís Fabiano **encaçapar** na cara do gol: 1 a 0. (DSP, /www.diariosp.com.br/ - 13.07.03).

Enfileirar - v.t. .

- Driblar vários adversários, um após o outro, como se eles estivessem dispostos em fila indiana.

Romário, em compensação, é capaz de pegar uma bola no meio-campo, **enfileirar** a zaga adversária e fazer um golão. (Plc, 11068 – 08/95 - p.52).

Entortar - v.t. .

- Aplicar um drible humilhante que deixa o adversário completamente fora de ação.

Aos 36, Marco Brito fez bela jogada em velocidade entortou Júnior Baiano e, na saída de Diego, chutou de bico, à esquerda do gol. (GB, /www.oglobo.com.br/ - 20.03.05).

Espalmada - s.f. .

- Lance no qual o goleiro pressente a impossibilidade de agarrar uma bola e faz a defesa rebatendo-a com a palma da mão.

Aos 20 minutos, Borges foi lançado pela direita e chutou cruzado, forte, para a ótima **espalmada** do goleiro Sérgio. (GE, /www.gazetaesportiva.com.br/ -12.09.05).

Estiramento - s.m.

- Distensão muscular.

Desfalcado do atacante Valdir, vetado com um **estiramento** na coxa direita, o Vasco tenta hoje, às 21h 40 min, no Morumbi, a façanha de derrotar o poderoso São Paulo de Kaká, [...]. (O Dia, /www.odia.ig.com.br/ -09.11.02).

Estourada - s.f.

- Bola chutada simultaneamente por dois ou mais jogadores produzindo um som característico, de pés se chocando contra a bola.

De fora da área, Fabiano obrigou Abbondanzieri a espalmar para escanteio e, aos 46, depois de **estourada** no meio de campo, a bola sobrou para Robinho que avançou, [...]. (GB, /www.oglobo.com.br/ -25.06.03).

Estourado - adj

- Contundido ou portador de lesão grave.

Sem Bordon e Rogério Pinheiro, **estourados**, o técnico Dario Pereyra foi armar a cozinha com Edmilson e Álvaro, que nunca jogaram fazendo dupla de zaga. (NP, 26.11.97 - p. 07).

Estraçalhar - v.t.

- Humilhar o adversário com uma exibição de gala.

Robinho foi decisivo como o Rei costumava ser nos anos 60 ao **estraçalhar** nas finais contra o Corinthians. (Plc, /www.placar.com.br/ - 30.06.03).

Estrategista - s.f

- Técnico que planifica o padrão de jogo a ser utilizado em toda temporada pela sua equipe, ou as táticas específicas para vencer para cada partida.

Há quem já esteja chamando o técnico Rojas de **estrategista**, pelo exitoso golpe de escalar Gustavo Nery como volante, contra o Corinthians. (DSP, /www.diariosp.com.br/ - 17.06.03).

F

Falta tática - *s.f.*

- Interrupção frequente da partida, por uma das equipes, com faltas intencionais sequenciadas, sempre que o jogador adversário procura articular jogada.

O temperamento de Geninho, muitas vezes, o aproxima dos técnicos brucutus: é quando manda chutar o tornozelo do adversário é quando defende o uso da **falta tática**, como ele chama, para matar a jogada e parar o rival. (GB, /www.oglobo.com.br/ - 04.08.04).

Faturar - *v.t.*

- Conquistar um título, ganhar um jogo ou marcar um gol favorável.

Neste ano, o time de Madrid **faturou** dois dos mais importantes títulos do futebol: a Copa dos Campeões da Europa e o Mundial Interclubes. (ET, /www.esportes.terra.com.br/ - 24.12.02).

Feijão com arroz - *s.m.*

- Futebol sem criatividade.

Depois foi, uma Arábia Saudita que perdeu jogando um **feijão com arroz**, mas quase conseguiu um empate com nossa seleção. (GE, /www.gazetaesportiva.com.br/ - 20.02.02).

Firula - *s.f.*

- Jogada em que o atleta demonstra seu virtuosismo e apuro técnico com intenção de agradar aos torcedores sem, no entanto, apresentar nenhum resultado prático para a equipe.

Gaciba provocou polêmica na quarta-feira ao marcar falta para o Santos, na derrota por 4 a 2 para o Coritiba, depois de o atacante paranaense Jabá prender a bola na lateral-direita do campo adversário e, em uma **firula**, passar o pé sobre ela. (ESP, /www.estadao.com.br/ - 15.09.02).

Fisgada - *s.f.*

- Dor aguda provocada pela distensão de um músculo.

Com amigdalite e sentindo uma **fisgada** na batata da perna esquerda, o zagueiro não participou do treino de ontem. (Lce, 09.09.99 - p. 04).

Franco-atirador - *s.m.*

- Equipe que, por sua fragilidade técnica, assume postura extremamente ofensiva, em um campeonato ou em uma partida, limitando-se a lances de contra-ataque.

O União se lançou ao ataque como **franco-atirador** e só não conseguiu o empate por falta de sorte e pelos erros de finalização de seus atacantes. (JT, Cad. Esp, 30.04.01 - p. 02).

Furada - *s.f.*

- Lance grotesco, protagonizado por um jogador, ao errar, de forma bisonha, um chute desferido contra a bola.

Paulo Madureira foi o autor de uma **furada** digna de comédia estilo pastelão. (Agora, Cad. Ataque 09-09-2001 - p. 02).

G

Galera - s.f

- Grupo de torcedores entusiastas que assistem, em pé, ao jogo das gerais do estádio.

O atacante Reinaldo cobrou a penalidade máxima com violência, no meio do gol, virou o jogo para o Tricolor, foi para a **galera** e comemorou o 56º gol do São Paulo no Campeonato Brasileiro. (ET, /www.esportes.terra.com.br/ - 14.11.02).

Galinha-morta - s.m.

- Jogo que não oferece riscos em decorrência da fragilidade técnica da equipe adversária.

O negócio é que o torcedor paraense não deixou enganar: além de o adversário ser galinha-morta, a Seleção vai pro jogo sem Romário e Ronaldinho. (NP, 07.10.97 - p.06).

Gancho - s.m.

- Suspensão aplicada a um jogador, pelo Tribunal de Justiça Desportiva, em decorrência de atitude antidesportiva.

O zagueiro Emerson entra na zaga no lugar de César que vai levar um **gancho** de uma partida pela expulsão no Mineirão. (FT, Cad. Esp, 22.09.97 - p. 03).

Garfar - v.t.

- Prejudicar (árbitro) uma das equipes por má-fé, por falta de competência, por pressão de dirigentes ou da torcida local.

Zinho cobrou uma falta na área, Fabiano Eller, em posição legal, antecipou-se à zaga e completou o lance de cabeça, mas Marcos Tadeu Peniche **garfou** o rubro-negro e sinalizou impedimento inexistente, que Wagner Tardelli aceitou. (O Dia, /www.odia.ig.com.br/ - 01.03.04).

Garimpar - v.t.

- Ter percepção para descobrir jovens e promissores atletas encaminhando-os aos clubes.

Uma das virtudes do Técnico Otacílio Pires de Camargo, o Cilinho, era **garimpar** jovens valores pelo País, utilizando uma rede de "olheiros" que indicava atletas de todos os Estados. (ESP, /www.estadao.com.br/ - 09.11.01).

Gatos-pingados - s.m.

- Torcedores que em número reduzido assistem a um jogo de futebol. Composição por justaposição: *-gato* (= base nominal) + *-pingado* (= base nominal).

Luiz Felipe comemorou o fim de seus 13 meses à frente da Seleção Brasileira de Futebol, reverenciado por todos, mas meias dúzias de gatos-pingados se arriscaram a vaiar, mas foram repreendidos pela maioria. (ZH, /www.zerohora.com.br/ - 22.08.02).

Goleira - s.f

i.

- Conjunto formado pelas balizas, travessão e a rede.

Foi uma cabeçada de alongamento, não para baixo, nem para o lado, mas na continuação da bola, e como ficou alta, caiu entrando na **goleira**. (ZH, /www.zerohora.com.br/ - 30.08.02).

ii.

- Guarda-metas que atua em jogos femininos.

A **goleira** Kell, da Austrália, mostrou que não dificultaria a vida das brasileiras. (ET, /www.esportes.terra.com.br/ - 11.08.04).

Goleiro-artilheiro - s.m

- Goleiro que, além de executar suas funções defensivas, costuma marcar gols favoráveis nas partidas em que participa.

O São Paulo entrou em campo cauteloso e o Juventude também não parecia que iria dar muito trabalho ao time paulista, mas era o dia do **goleiro-artilheiro**, Rogério Ceni, deixar sua marca. (GE, 06.10.00 - p. 03).

Goleiraço - s.m.

- Goleiro de grandes virtudes técnicas.

Para o presidente de honra do Bayern de Munique, um dos maiores jogadores de futebol do mundo em toda a história, nesse time alemão, só escapa o **goleiraço** Oliver Kahn. (U.Sg, /www.ultimosegundo.ig.com.br/ - 07.11.02).

Gorduchinhas - s.f.

- Bola de futebol.

Seis bolas com o couro de uma vaca, hoje as **gorduchinhas** são feitas com tiras de poliuretano. (Plc, nº 1102 - 04/95 - p. 36).

H

Hexagonal - *s.m.*

- Torneio com a participação de seis equipes.

A Seleção Brasileira sub-20 vai enfrentar o Paraguai na próxima sexta-feira nem sua primeira partida no **hexagonal** decisivo do Campeonato Sul-Americano Sub-20, que está sendo disputado no Uruguai. (Lce, /www.lancenet.ig.com.br/ - 15.01.03)

Homem-equipe - *s.m.*

- Jogador excepcional, que com suas jogadas mirabolantes é capaz de conduzir sua equipe à vitória, ou seja, sozinho, ele vale por um time todo.

Petkovic, que nesta fase atual no Fluminense está se revelando uma espécie do que se chamava em certa época de ouro do futebol de **homem-equipe**. (GB, /www.oglobo.com.br/ - 26.09.05).

J

Jogoço- *s.m.*

- Partida de boa movimentação e alto nível técnico agradando aos torcedores das duas equipes.

E foi mesmo um **jogoço**, que poderia ter emplacado goleada como aquela histórica de 66 — Cruzeiro 6, Santos 2 —, lembrada tantas vezes durante a semana. (DSP, /www.diariosp.com.br/ - 07.01.04).

Jogador-símbolo - *s.m.*

- Jogador perfeitamente identificado com o clube e, pela sua importância para a equipe é considerado, pela crítica e pelos torcedores, uma referência e um exemplo a ser seguido pelos companheiros.

Depois de sugerir um ano glorioso com as conquistas da Copa do Brasil e do Rio-São Paulo, o Corinthians está perdendo Ricardinho, **jogador-símbolo** dessa equipe vencedora. (DSP, /www.diariosp.com.br/ - 08.08.02).

L

Leiteiro - s.m.

- Goleiro costumeiramente favorecido pela sorte, realizando defesas consideradas impossíveis, ou bolas que ao invés de penetrarem em seu gol choca-se com as traves.

Castilho, o maior goleiro da história do Fluminense, chegou a ganhar o apelido de **leiteiro**, termo que na época era empregado para se dizer que alguém tinha muita sorte. (GE, /www.gazetaesportiva.com.br/ - 05.05.02).

Ludopédio - s.m.

- Jogo de futebol.

Tem também a história de um professor brasileiro, Antônio de Castro Lopes, que detestava as palavras estrangeiras e queria porque queria que o futebol, uma palavra inglesa virasse **ludopédio**. (Plac, /www.placar.com.br/ - 03.02.03).

M

Malabarismo - s.m

- Capacidade para executar com perícia jogada difíceis, que demandam grande domínio da bola.

O gênio Garrincha fazia uma mistura de futebol, circo e **malabarismo** com a bola, seus marcadores receberam o apelido de Joões. (ET, /www.esportes.terra.com.br/ -11.10.02)

Mamão com açúcar - loc. adjt.

- Partida que, em razão da fragilidade técnica da equipe adversária, deve se apresentar extremamente fácil para a obtenção de uma vitória contundente.

O Santos pega hoje o Guarany, pelas Libertadores, na Vila – é jogo **mamão com açúcar** - deve estar cogitando o amigo peixeiro, ainda embalado pelas doces recordações da goleada de domingo. (DSP, /www.diariosp.com.br/ - 18.02.04).

Mancada - s.f.

- Falha involuntária.

O São Paulo buscou o empate numa **mancada** do juizão Giuliano Bozzano. (NP, 10.11.97 - p. 07).

Mão-mole - s.m.

- Lance quando o goleiro vacila ao tentar interceptar a trajetória de uma bola arremessada contra sua baliza, propiciando rebote aos atacantes adversários.

No segundo tempo, foi a vez do goleiro Adir colaborar e levar um frangaço em cobrança de falta de Roger, da intermediária, e entrar com **mão-mole** em um chute de perna direita de Gustavo Nery, no gol da classificação. (GE, /www.gazetaesportiva.com.br/ - 06.04.05).

Marrento - adj.

- Jogador esnobe que acredita possuir maior número de virtudes daquelas que verdadeiramente é dotado.

Os jogadores corintianos que começaram meio **marrentos** e individualistas passaram a se empenhar ente e até a contusão de César atrapalhou porque ele ficou temeroso nas bolas altas. (O Dia, /www.odia.ig.com.br/ - 05.12.02).

Meia-de-ligação - s.m.

- Jogador, dotado de bons recursos técnicos, que atua no meio de campo construindo jogadas para que os atacantes.

Não é jogador que tem o poder de desequilibrar a partida usando habilidade, muito menos, o **meia-de-ligação** que Leão gostaria de ter no meio-de-campo para encostar-se em Dodô, que vem atuando muito isolado no ataque. (GE, 16.08.99 - p.04).

Meiúca - s.m.

- Jogador meio-campista que articula lances entre os defensores e os atacantes

Gilberto Silva e Renato, juntos poderão ajudar a derrubar os defensores dos brucutus –aqueles caras da **meiúca** que marcam, batem, desarmam, roubam a bola, espancam os rivais, perdem a bola. (Lce, /www.lancenet.ig.com.br/ - 29.08.03).

Molecagem - s.m.

- Jogada surpreendente e de grande habilidade individual que humilha o adversário.

O garoto Pelé recebe a bola de Didi, mata no peito, dá um chapéu curto no adversário e chuta! Gol de pura **molecagem**. (Plc, nº 1112 - 02/96 - p. 49).

Mordedor - adj.

- Jogador voluntarioso ou equipe aguerrida que, durante uma partida, disputa todas as jogadas com empenho e valentia.

O time é apenas **mordedor**: vive fugindo do rebaixamento, sempre com um pé na cova, embora o torcedor ajude bastante. (Plc nº 1129 - 07/97 - p. 44).

Morrinho artilheiro - s.m.

- Saliência irregular no campo, nas proximidades da baliza, na qual a bola bate desviando sua trajetória, iludindo o goleiro.

Poucos minutos depois começou o calvário do goleiro Marcos Garça. Aos 29 minutos, Alemão bateu, Garça caiu e o **morrinho artilheiro** entrou em ação: 1 a 1. (Lce, 10.09.99 - p.13).

Munhecação - s.m.

- Pancada na bola (goleiro) com o punho fechado.

Uma jogada do goleiro foi ressuscitada na Copa: chamava-se munhecação – hoje chamam de soco – o alemão Khan é o mestre e Marcos aprendeu. (WWW.jtestadao.com.br/ - 27.06.04).

O**Ombro-a-ombro - s.m.**

- Forma lícita de deslocar um adversário da disputa da bola, chocando ombro contra ombro.

Cláudio Pitbull ganhou de Marcelo Batatais no **ombro-a-ombro**, pela esquerda, foi à linha de fundo[...]. (ET, /www.esportes.terra.com.br/ - 14.07.04).

P**Panturrilheira - s.f.**

- Proteção confeccionada em material elástico para envolver e firmar a parte posterior da perna do jogador que apresenta uma leve contusão nesse local.

Apesar de estrear uma **panturrilheira**, o veterano Romário segue sem fazer gol: a fase não é boa para o Baixinho. (O Dia, /www.odia.ig.com.br/- 05.03.02).

Paradinha - s.f.

- Maneira de cobrar uma penalidade máxima, em que o jogador corre para a bola e simula parar antes de chutar, iludindo o goleiro.

Na cobrança de uma penalidade máxima, assim como o atacante não pode fazer a **paradinha**, o goleiro só pode deixar a linha da meta depois do lançamento da bola. (Plc, 1107 - 09/95 - p. 96).

Passe açucarado - s.m.

- Passes executados com precisão, possibilitando ao companheiro o pleno domínio da bola, deixando-o em condições de finalizar contra a meta adversária.

O São Paulo teve pleno domínio da bola, dos espaços e do espírito do jogo, durante todo o primeiro tempo, e fez o seu gol, em bela trama de todo o ataque, concluído por **um passe açucarado**, de Marco Antonio, para Hernandez finalizar de direita. (DSP, /www.diariosp.com.br/ -23.01.04).

Pé-frio - s.m.

- Técnico ou jogador acusado de trazer má sorte à equipe em que atua.

Sobre as críticas que fez a pessoas que não entendem de futebol e são **pé-frio**, Leão diz que não se referia a Zagallo. (ET, /www.esportes.terra.com.br/ - 24.01.04).

Pegador - s.m.

- Jogador que marca o adversário com eficiência, não lhe dando oportunidades de realizar jogadas.

O Baiano é veloz e mais **pegador**, mas o Marcos Basílio fica em alerta constante para entrar em campo, caso seja necessário, avisou o técnico o técnico Emerson Leão. (JT, /www.jt.estadao.com.br/ - 23.05.98).

Pega-para-capar - s.m

- Disputa acirrada, entre jogadores de uma mesma equipe, por uma vaga na equipe considerada titular.

Treino do Palmeiras vira **pega-para-capar** - Felipão cria clima pesado pra craques brigarem por lugar. (NP, 07.10.97 - p. 07).

Peladeiro - s.m.

- Jogador voluntarioso, mas sem recursos técnicos, que não se adapta ao sistema tático de uma equipe, ou aquele que participa de peladas.

Toninho Cerezo é um **peladeiro** moderno, , pois marca, apóia e ataca. (ESP, Cad. Esp. 06.07.97 - p. 03).

Peleja - s.f.

- Partida de futebol.

A equipe recebe o River Plate, da Argentina, nesta quinta-feira. Na primeira **peleja**, em Buenos Aires, houve empate por três gols. (GE, 30-08-99 - p. 03).

Peneira - s.f.

i.

- Sistema defensivo de uma equipe, que apresenta brechas por onde o adversário penetra com facilidade.

Para tentar tapar a **peneira** em que se transformou a defesa, Zagallo chegou até abrir mão de um dos seus dogmas: uma zaga é sempre composta por quatro jogadores. (Plc, 1129 - 07/97 - p. 32).

ii.

- Processo de seleção promovido por uma equipe com o objetivo de descobrir novos valores.

As **peneiras** da Portuguesa são as mais procuradas, mas a diretoria quer mais do que isso. (SB, nº 10.97 - p. 16).

Pereba - s.f.

- Jogador medíocre, sem nenhuma qualidade técnica.

Vamos torcer para que o que resta da temporada permita que o Felipão consiga separar mais claramente quem é o craque e quem é **pereba**. (JB, /www.jbonline.terra.com. br/ 05.10.01).

Pererecar - v.i

- Saltar ou repicar várias vezes (a bola), de maneira inesperada, surpreendendo o adversário.

Deivid cabeceou para trás, no segundo pau, a bola **pererecou** até encontrar o pé direito do centroavante, que até ali não tinha concluído. (ESP, /www.estadao.com.br/ 23.09.02).

Peteleco - s.m.

- Chute imperfeito em que a bola é impulsionada sem direção e com pouca força.

O craque dá então um **peteleco** na bola e a coloca mansamente nas mãos do goleirão. (Lce, /w.w.w.lancenete.ig.com.br/ - 05.10.01).

Pipocar - v.i.

- Saltar ou não participar de uma jogada para evitar o choque físico com o adversário.

O time do São Paulo não **pipoca**, não pipocou e não há essa hipótese, disse o cartola, ao tentar explicar o empate por 1 a 1 contra o Goiás, que eliminou o time da competição. (ET, /www.esportes.terra.com.br/ - 16.05.03).

Pixotada - s.f.

- Falha bisonha cometida em um lance fácil.

A maior **pixotada** da semana, no futebol, foi o gol-contra do santista Pereira, em Goiás - como é que, estando à esquerda de sua área, alguém tem o desplante de tentar rebater com o pé direito uma bola centrada da ponta direita? (JB, /www.jbonline.ig.com.br/ 06.12.03).

Q

Quarto-zagueiro - *s.m.*

- Zagueiro que, na antiga disposição 4-2-4, exercia a função tática de dar cobertura ao zagueiro central e, hoje, corresponde, mais ou menos, à função desempenhada por um volante.

[...], Bolívar se posicionava como um **quarto-zagueiro** e os três zagueiros de fato jamais passavam no meio do campo. (ZH, /www.zerohora.com.br/ - 16.05.04)

R

Rachão - *s.m*

- Treino recreativo onde os jogadores atuam de maneira descontraída, em posições diferentes das que originariamente ocupam em suas equipes durante os jogos.

No **rachão**, o campo de futebol é dividido ao meio, os jogadores não respeitam suas posições originais e, quase sempre, as gargalhadas estão presentes. (ET, /www.esportes.terra.com.br/ - 07.05.05).

Raçudo - *adj.*

- Jogador participativo que disputa todos os lances com dedicação e coragem.

O que se sabe é que Marcelinho Carioca, acima de qualquer suspeita, é considerado um dos mais **raçudos** razão pela qual o clube não admite emprestá-lo ao cruzeiro. (GE, 07.11.00 -p. 04).

Rebaixamento - *s.m.*

- Queda de um clube para uma divisão imediatamente inferior em consequência de sua baixa pontuação na tabela classificatória.

O Figueirense se livrou matematicamente do **rebaixamento** ao vencer o Coritiba por 2 a 1, na noite desta quarta-feira, no estádio Couto Pereira. (ET, /www.esportes.terra.com.br/ - 13.11.02).

Rebote - *s.m.* [

- Lance ofensivo em que uma bola se choca contra um defensor ou contra a trave e é retomada por um atacante.

[...], com um chute forte de fora da área e teve participação decisiva no primeiro marcado por Ronaldinho no **rebote** de um chute seu. (JT, Cad. Esp. 17.09.97 - p. 06).

Retranca - s.f. (

- Sistema tático que concentra os jogadores em posição defensiva, preocupando-se exclusivamente em impedir que o adversário penetre em sua defesa.

A **retranca** armada por Jairo Leal deu certa, com uma forte marcação e um futebol pragmático, o Corinthians se reabilitou do vexame do último domingo. (GE, /www.gazetaesportiva.com.br/ - 05.10.03).

S

Sapecada - s.f.

- Derrota humilhante.

O Corinthians sentiu a ausência de, Fábio Luciano e Gil (os dois na Seleção) e levou **sapecada** do São Paulo. (Lce, /www.lancenet.ig.com.br/ - 15.06.03).

Segundona - s.f.

- Designação pejorativa da divisão de acesso do Campeonato Brasileiro de Futebol.

Com mais esta derrota o time do Santos caminha firme pra cair pra **segundona** no ano que vem. (NP, 01.09.97 - p. 06).

Sobrepasso – s.m.

- Lance em que o goleiro, dentro de sua grande área, após segurar a bola em suas mãos, caminha com ela por mais de quatro passos sem deixá-la quicar livremente no chão.

O quinto passo, mesmo quicando a bola, caracteriza o **sobrepasso**, punido com um tiro livre indireto. (Plc nº 1106 - 08/95 - p. 94).

T

Tapetão - s.m.

- Tribunal de justiça desportiva, que designa a mais alta instância jurídica, no âmbito dos esportes, a ser acionada.

A diretoria do Bahia praticamente descarta qualquer iniciativa no **tapetão** para impugnar o título do Vitória. (GE, /www.gazetaesportiva.com.br/ - 19.04.04).

Telegrafar - v.t.

- Realizar uma jogada previsível, deixando claro para o adversário a direção do passe ou do chute a gol.

[...], Robinho **telegrafou** que ia bater no canto direito e o goleiro Eduardo defendeu. (Lce, /www.lancenet.ig.com.br/ -30.05.04).

Totozinho - s.m.

- Toque fraco e curto aplicado na bola ou no tornozelo do adversário.

O Coritiba estava descendo a lenha pouco antes de Edmundo chutar a cabeça do goleiro Anselmo. O comentário? – Edmundo deu um **totozinho** no goleiro. (Plc. nº 1113 –03/96 - p. 95).

V**Voadora - s.f.**

- Lance de extrema violência em que o jogador projeta-se no ar e, de costas para o solo, com as pernas esticadas, atinge o adversário com um chute alto, num movimento que lembra uma tesoura.

O polêmico goleiro Danrlei, nas quartas-de-final da Libertadores de 1995, acertou uma **voadora** nas costas de um jogador do Palmeiras, gerando uma das maiores brigas da história recente do nosso futebol. (SB, /www.showdebola.com.br/ 10.05.04).

W**W.M - s.m.**

- Tática defensiva global, muito usada na década de 50, onde todos os jogadores, com exceção do goleiro, distribuem no campo de jogo de tal forma que cada um deles preenchia um ponto imaginário, constituído pelo ângulo formado pelas **W** e **M**.

Um inglês, Chapman, até deram um nome, **WM**, a seu esquema porque os jogadores, em linha, eram distribuídos em campo nos ângulos e pontas das letras “W” e “M” (GE, 10.11.00 - p. 10).

W.O - s.m.

- Designa a desistência, por não comparecimento, de um dos participantes de uma competição esportiva, sendo declarado vencedor ao que compareceu.

Sigla formada pelas letras iniciais da expressão *walk (W) e over (O)*, que é, também, empregada em outros esportes coletivos e individuais com a mesma acepção.

Depois de perder por **WO** para o São Bento, domingo à tarde, em Matão, o clube deve mesmo ser penalizado em cima dos artigos 203 e 204 do Código Brasileiro de Justiça Desportiva. (FI, /www.futebolinterior.com.br/ - 15.02.05).

X

Xará - s.m.

Vocábulo de étimo obscuro, empregado, invariavelmente, com conotação afetiva.

- Jogador ou equipe que têm o mesmo nome.

O Atlético Mineiro garantiu a invencibilidade de 14 partidas ao vencer o **xará** paranaense por 2 a 1, passando a somar sete pontos e assumindo a liderança do Campeonato Brasileiro. (ESP, /www.estadao.com.br/ - 13.04.03).

Z

Zaga - s.f.

- Posição dos dois jogadores de defesa entre a linha média e o gol.

Com a suspensão do zagueiro Ageu para partida contra o Fortaleza, pelo Campeonato Brasileiro, Fernando Lombardi vai entrar pela primeira vez na competição como de titular na **zaga** do Paraná Clube. (GE, /www.gazetaesportiva.com.br/ - 22.07.03).

Zagueiro - s.m.

- Jogador que atua em posição defensiva, entre a meta e a linha média, sendo o defensor posicionado mais próximo do goleiro.

O Valladolid anunciou nesta quarta-feira que o **zagueiro** brasileiro Julio César, ex-Real Madrid, foi afastado por indisciplina. (ET, /www.esportes.terra.com.br/ - 10.03.04).

Zebra - s.f.

- Situação em que o time considerado mais fraco vence outro tecnicamente superior, contrariando todos os prognósticos.

A **zebra** mais surpreendente dos jogos de abertura de todas as Copas do Mundo aconteceu em 1990, quando a Argentina perdeu para Camarões - de 1 a 0. (US, /www.ultimosegundo.ig.com.br/ - 31.12.02).

REFERÊNCIAS

- ALVES, I. M. (1990) *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1994.
- AQUINO, R. S. L. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. p. 15.
- ARCA - *Arquivo Histórico de Campo Grande*
- AVALLONE, R. *As incríveis histórias do futebol*. São Paulo: Tipo, 2001.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico*. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____. *Português ou brasileiro; um convite à pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- _____. *A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. 3 Ed. São Paulo/Brasília: Hucitec/Edunb, 1996.
- BARBOSA, M. A. Grupo de Trabalho de Lexicologia e Lexicografia. *Anais de Seminários do GEL*. São Paulo, USP/GEL, 1989.
- _____. Reflexões sobre o projeto lexicográfico: análise e descrição da forma de conteúdo da unidade lexical. In: *Estudos Linguísticos XVIII*. Anais de Seminários do GEL. Lorena, 1989.
- _____. *Léxico, produção e criatividade*. São Paulo: Plêiade, 1996.
- BARROS, L. A. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2004.
- BARTHES, R. *Elementos de Semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1971.
- BASTUJI, Jacqueline. *Notes sur la Créativité*. In: *Neologie et Lexicologie*. Paris: Larousse, 1979.
- BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BENTES, A. C.; MUSSALIN, F. (org). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2006.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis, Vozes, 1980.

BIDERMAN, Maria Teresa C. *Aurélio*: sinônimo de dicionário? *Alfa*, v.44, p.27-55, 2000.

_____. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. e ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998, p. 11-20.

BOUTIN-QUESNEL (*et al*). *Vocabulaire systématique de la terminologie*. Québec, Cahiers de l' Office de la Langue Française, 1985.

BRAGA, Rosiane Cristina Gonçalves. *Vocabulário sistemático do subprojeto ECOVALE*. Tese de doutoramento. São Paulo: USP, 2006.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental II – Língua Portuguesa*. Brasília, DF: MEC/SEMTEC, 1998.

BRANDÃO, R. de O. *As figuras de Linguagem*. São Paulo: Ática, 1989.

BURKE, P. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *A arte da conversação*. São Paulo. Unesp, 1995.

_____. *Línguas e Jargões*. São Paulo. Unesp, 1996.

CABRÉ, M. Teresa. *La terminología: Teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida / Empúries. 1993.

_____. *La terminología hoy: replanteamiento o diversificación*. *Organon*, v. 12, nº. 26, 1998, p.33-41.

_____. *La terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística aplicada/ Universitat Pompeu Fabra, 1999.

_____. La clasificación de neologismos: una tarea compleja. *Revista Alfa*, São Paulo, v. 50, 2, p. 229-250, 2006.

CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial*. Contribuição à memória do futebol brasileiro. Tese de livre docência. São Paulo: ECA/USP, 1988.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CAPINUSSU, J. M. *A linguagem popular do futebol*. São Paulo: Ibrasa, 1988.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. A criação neológica. *Revista Trama*. Volume 2, Número 4 - 2º Semestre de 2006.

CARVALHO, N. *Empréstimos lingüísticos*. São Paulo: Ática, 1989.

- CASTILHO, A. T. *A Língua falada no ensino português*. SP. Contexto, 1998.
- CESÁRIO, M. M; VOTRE, S; COSTA, Marcos Antonio. Org. MARTELOTTA, Mario. *Manual de Linguística*. São Paulo. Editora Contexto. 2008.
- CHAMBERS, J.K & TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. Cambridge, 1993.
- CUNHA, Celso Ferreira da. Conservação e Inovação no Português do Brasil. In: *O eixo e a roda, Revista de literatura brasileira*, Belo Horizonte: v.5, 1986.
- _____. Em torno dos conceitos de gíria e calão. In: PEREIRA, Cilene da Cunha. *Sob a Pele das Palavras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Academia Brasileira de Letras, 2004.
- _____; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CURY e OLIVEIRA – Gramática Objetiva (1986, p. 85)
- DAMATTA, Roberto (org.). *Universo do futebol*. Esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke.
- DAMO, A. D. *Futebol e a Identidade Social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre. Editora UFRGS. 2002.
- DESMET, I. - *Princípios teóricos da terminologia: especificidade da neologias*. In: *Terminologia*, n. 1. Revista da Associação de Terminologia Portuguesa. Lisboa, abril de 1990.
- Dicionário Etimológico Nova Fronteira (1982 – p. 836)
- DUBUC, Robert. *Manuel pratique de terminologie*. Montreal: Linguathec, 1992.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.
- FEIJÓ, L. C. S. de. *A linguagem dos esportes de massa e a gíria do futebol*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Uerj, 1994.
- _____. *Brasil x Portugal: Um dérby Linguístico*. Soc. Brasileira de Língua e Literatura. 1998. RJ.
- _____. *Futebol Falado e sua dramática linguagem figurada*. Academia Brasileira de Filologia. 2010. RJ.
- FERNÁNDEZ, M. do C. L. *Futebol: fenômeno linguístico*. Rio de Janeiro: Documentário, 1974.
- _____. Futebol – Fenômeno linguístico (1974. p.77)
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1983.

GENOUVRIER, E. e PEYTARD, J. *Linguística e ensino do português*. Coimbra, Almedina, 1974.

GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GOMES, Eva. M. M. *A divulgação da ciência na ponta do lápis*. (Série Linguagens). Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2009.

GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

HERBERT, A. W. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

HIDALGO, Luciana. O futebol na ponta da língua. *Revista Língua Portuguesa Especial: Futebol e Linguagem*, p. 9-13, abr. 2006.

HJELMSLEV, Louis. *Sistema Linguístico y Cambio Lingüístico*. Version espanhola de Berta Pollares de R. Arias. Madrid: Gredos, 1976.

HOLANDA, A. B. F. de. *Novo Dicionário Aurélio – Séc. XXI*, 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISQUERDO, Aparecida N. *Léxico no tempo e no espaço: a questão dos regionalismos*. In: VASCONCELOS. *História, região e identidades*, p.165-181. Campo Grande: Editora UFMS, 2003.

KATO, M. A; ROBERTS, I. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

KEHDI, V. A redução vocabular em português. In: SEMINÁRIO DO GEL, XXII. Ribeirão Preto, 1993. *Anais...* Ribeirão Preto: Inst. Moura Lacerda, 1993.

_____. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 1992.

KRIEGER, Maria da Graça. Do reconhecimento de terminologias : entre o linguístico e o textual. In: ISQUERDO, A.N. & KRIEGER, M.G. *As Ciências do Léxico 2*. UFMS /UFRGS : Campo Grande/Porto Alegre, 2006.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, M. J. B. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

LAFACE, Antonieta; TASHIRO, Eliza Atsuko; CRUZ, Maria de Lourdes Otero Brabo; SILVA, Maria do Rosário Gomes Lima da (organizadoras). *Estudos Linguísticos e Ensino de Línguas*. São Paulo: Arte & Ciência, 2006.

LAPA, Albino. *Dicionário de Calão*. 2 ed. Porto: Presença, 1974.

- LAROUSSE CULTURAL – GRANDE dicionário Larousse cultural a língua Portuguesa. São Paulo: Nova Cultural, 1999
- LEMOS, M. T. G. *A língua que me falta*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.
- LESSA, Luiz Carlos. O modernismo brasileiro e a língua portuguesa. 2 ed. rev. ampl., Rio de Janeiro, Grifo, 1976, p. 46
- LOPES, E. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- LORENTE, Mercè. *A lexicologia como ponto de encontro entre a Gramática e a Semântica*. In: Isquierdo, A.N.; Krieger, M.G. (org.) *As ciências do Léxico - Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Vol. II. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004.
- LUFT, Celso Pedro. *Língua e liberdade*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1994
- LYONS, J. *A semântica*. Lisboa: Presença, vol. I, 1977.
- _____. *Linguagem e linguística*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MAGALHÃES, G. *Introdução à metodologia da pesquisa: caminhos da ciência e tecnologia*. São Paulo: Ática, 2005.
- MALMBERG, B. *A língua e o homem. Introdução aos problemas gerais da Linguística*. Rio, Nórdica, 1970.
- MARANHÃO, H. *Dicionário de futebol* Rio de Janeiro, Record, 1998.
- MARTINS, N. S. *Introdução à estilística*. São Paulo: Edusp, 1989.
- MATOS, J. *Sobre a beleza de pensar certo*. In: LIMA, M. N. dos S.; ROSAS, A. (org.), Recife: FASA, 2001.
- MATTOSO CAMARA, JR. J. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão Livraria, 1975.
- OLIVEIRA, Beatrice Graciella Azevedo Motta de. *A linguagem em Paranhos: aspectos sociolinguísticos*. Dissertação (mestrado), Três Lagoas/MS: UFMS, 2009.
- OLIVEIRA, Dercir Pedro. *A variação linguística no Brasil*. In; Claudia Roncarati, Jussara A. (org). *Português Brasileiro II – contato linguístico, heterogeneidade e história*. Niterói: EDUFF, 2008. v. 1, p. 93-100.
- OLIVEIRA, João Carvalho. Historiador. *As Viagens, as caçadas e a bravura dos zagaieiros no antigo Mato Grosso*. Revista Pantaneira, 2010. Ano I. nº 9. Pag 36/37.. Corumbá Mato Grosso do Sul.
- OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 1998.

PATS, C. T. *Aspectos de uma tipologia dos universos de discurso*. In: Revista Brasileira de Linguística, V.7, n. 1., São Paulo, Global, 1984.

PEREIRA, M. H. da R. *Estudos de história da cultura clássica - I vol. Grécia*. 7 Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993, pp. 340-348.

PIMENTA, C. A. M. *Futebol e Violência entre torcidas organizadas: a busca da identidade através da violência*. São Paulo: Dissertação de Mestrado (PUC-SP), 1995. p. 51 e 54.

PINTO, Edith Pimentel. *O português do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1978.

POTTIER, B. *Presentación de la lingüística. Fundamentos de una teoría*. Madrid, Alcalá, 1968.

_____. *Théorie et analyse en linguistique*. Paris, Hachette, 1987.

RAMOS, Roberto. *Futebol: ideologia do poder*. Petrópolis: Vozes, 1984.

RECTOR, Mônica. *A linguagem da juventude: uma pesquisa geo-sociolinguística*. Petrópolis: Vozes, 1975.

REIS, H. H. B. *Lazer e esporte, a espetacularização do futebol*. In: *Temas sobre o Lazer*. Campinas: Editora Autores Associados, 2000. p. 134.

RODRÍGUEZ, Carolina. Sentido, interpretação e história. In ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). *Leitura e os leitores*. 2 ed. Campinas: Pontes, 2003.

RONDEAU, G. Introduction a La terminologie. Tradução João Bortolanza. Quebec. Gaetan Morin, 1974

SAPIR, Eduard. *A linguagem: Introdução ao estudo da fala*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo. Cultrix, 2006.

SCHANE, S. A. Fonologia Gerativa. Rio de Janeiro: Zahar, 1975

SEVCENKO, Nicolau. *Futebol, metrópoles e desatinos*. in: *Revista USP: Dossiê Futebol*. Número 22, 1994, p. 35-37.

SILVA, Maria Cecília P. de Souza; KOCH, Ingedore Villaça. *Linguística aplicada ao português: morfologia*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2001. 72 p. I

SILVA NETO S. da. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Presença. 1979

SILVA, Sidney Barbosa da. Acesso em 18 de novembro de 2009. www.campeoesdofutebol.com.br.

SOARES, M. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2007.

STREHLER, René. *Análise de categorias de marcas de uso em dicionários*. UnB, Brasília. 1998.

VITAL, Valmiro Rodrigues. *Linguagem pitoresca e divertida*. RJ. Simões, 1953

VOGEL, Arno. *O momento feliz. Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional*. In: DAMATTA, Roberto (org.). *Universo do futebol*. Esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro. Pinakothek, 1982.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. S, Paulo. Parábola. 2006.

WERNECK, J. I. (et al) *O Futebol na Mirador Internacional*. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações, 1987.